

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

CÁTIA SIRLENE GONÇALVES HAHN

**POÉTICAS DA RECORDAÇÃO DE VIDA/MORTE, MEMÓRIA E
ESPIRITUALIDADE NA ARTE**

**CRICIÚMA/SC
2022**

CÁTIA SIRLENE GONÇALVES HAHN

**POÉTICAS DA RECORDAÇÃO DE VIDA/MORTE, MEMÓRIA E
ESPIRITUALIDADE NA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para a obtenção do grau de bacharel, no curso de Artes Visuais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma. Angelica Neumaier.

**CRICIÚMA/SC
2022**

CÁTIA SIRLENE GONÇALVES HAHN

**POÉTICAS DA RECORDAÇÃO DE VIDA/MORTE, MEMÓRIA E
ESPIRITUALIDADE NA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Poéticas Visuais.

Criciúma, 24 de junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Angelica Neumaier – Mestra em Educação – (UNESC) – Orientadora

Prof.^a Amalhene Baesso Reddig – Mestra em Educação – (UNESC)

Prof.^a Odete Calderan – Mestra em Artes Visuais – (UFSM)

Dedico esta pesquisa ao meu querido Alex
Gomes (*in memoriam*), por ter me guiado aos
rumos da arte e da espiritualidade.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que contribuíram para esta jornada. Primeiramente aos dedicados professores da UNESC que de forma muito generosa me indicaram caminhos durante todo o percurso de pesquisa, a professora e orientadora Ma. Angelica Neumaier que sempre tive muita admiração, e acompanhou lado a lado comigo todo o meu processo me incentivando, a Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva que me acolheu com muito carinho desde o primeiro dia no Curso e me apresentou ao universo da pesquisa em arte, a Prof^a. Amalhene Baesso Reddig, querida Lenita que me inspira todos os dias com sua garra e determinação, a Prof^a. Ma. Odete Calderan pela força inspiradora em cada trabalho, a Prof^a. Daniele Cristina Zacarão por me incentivar a pesquisar cada vez mais, ao Prof. Alan Figueiredo Cichela por provocar em mim o ser artista, e de tantos outros que foram responsáveis pela minha formação e por aquilo que sou hoje.

Também quero agradecer a meus colegas de curso, pela paciência em me escutar e compartilhar um pouco de suas trajetórias, quero agradecer a minha família principalmente a minha filha Renata Hahn que sempre esteve ao meu lado me incentivando, as minhas amigas Leia e Jackie companheiras de todas as horas, que sempre me apoiaram em meus processos.

Aos meus mentores e amigos do plano espiritual pela inspiração e apoio nesta trajetória. Aos amigos da Casa da Fraternidade que me acompanham nesta longa jornada. A Deus por permitir que eu pudesse estar realizando este sonho. A Jesus por permitir que passassem pela minha vida pessoas especiais que me inspiraram na realização deste trabalho como minha mãe Dona Daisy, meu pai Victor (*in memoriam*), meu esposo Alex (*in memoriam*), meu irmão Carlos (*in memoriam*) e muitos outros. Muita Gratidão!!

“O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado”.

Allan Kardec

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso traz abordagens sobre meus processos artísticos, minhas memórias e vivências, tendo como ponto de partida reflexões sobre o meu percurso e vivências pessoais, que me levaram a arte e a arte contemporânea. O trabalho busca responder à questão problema quais as relações entre a arte e vida, vida/morte e espiritualidade na arte contemporânea e seus desdobramentos? Tem como objetivos compreender as relações entre arte e vida, e seus desdobramentos, e para isso passa a refletir sobre o papel da arte, quem é o artista na contemporaneidade, bem como meu lugar como artista; vem discutir possíveis paralelos entre memória e espiritualidade, vida e arte, embasados por estudos e pensamentos teóricos a partir dos autores/as Cauquelin (2005), Basbaum, Canton (2009), Benjamin (2004), Rancière (2005), Rey (2002), Assmann (2011) e o trabalho dos artistas Rosana Paulino, José Rufino, Joseph Beuys, Christian Boltansky e Anselm Kiefer. Questiona como o homem tem se relacionado com a vida e a morte, e com a crença na vida após a morte, e com as questões do sagrado, como a espiritualidade na arte vem sendo apresentada, e quais os desdobramentos da arte contemporânea na sociedade. A metodologia tem abordagem cartográfica por meio de pesquisa de processos e análise de trabalhos artísticos. O estudo demonstra que assim como minha prática artística é permeada por questões existenciais sobre o sentido da vida e o meu lugar neste tempo/espço, a questão espiritual também foi mote para outros artistas contemporâneos e finalizo com o processo da minha produção artística Onipresença, que culmina com o meu processo de formação.

Palavras-chave: Arte. Vida/morte. Memória. Espiritualidade. Processos artísticos contemporâneos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Roda de Bicicleta. Marcel Duchamp, 1913. 126cm – ready-made.	18
Figura 2 – Cena do Espetáculo “Pluft, O Fantasminha”, encenado pela Cia Teatral Bocarela das Palavradas, 2008.	22
Figuras 3 e 4 – Imagens da Oficina e apresentação do Boi de Mamão em 2014.....	23
Figura 5 – Confeção de novos personagens do Boi de Mamão, Casa da Fraternidade. Projeto de Extensão Boi de Mamão na Comunidade. UNESCO, 2018.	24
Figura 6 – Apresentação do Boi de Mamão, Casa da Fraternidade. Projeto de Extensão Boi de Mamão na Comunidade. UNESCO, 2018.	24
Figura 7 – Escultura Mãe. Cátia Hahn, 2004.....	24
Figura 8 – Parede da Memória. Rosana Paulino, 2015.	26
Figuras 9 e 10 – Cápsulas do Além. Catia Hahn. Intervenção/Instalação, realizada na exposição Diversos de Nós, UNESCO, 2018.....	29
Figura 11 – Mestre E.S. Ars moriendi. Ca. 1450.	32
Figura 12 – O Homem Vitruviano. Leonardo da Vinci, 1490. / Figura 13 – O Homem Vitruviano. Cátia Hahn, 2019. Painel Cerâmico Colaborativo PLURAL, Instalado no Bloco Administrativo, UNESCO.	32
Figura 14 – Foto da família, eu no colo de minha mãe, meu pai e meus irmãos.	35
Figura 15 – Gramofone Visual. Cátia Hahn. Exposição CURA. Realizada no térreo do Bloco XXI-B, UNESCO.	36
Figura 16 – Conversas de WhatsApp. Catia Hahn, 2018.	38
Figura 17 – Cartas de Areia. José Rufino,1991. Têmpera sobre envelope.....	39
Figura 18 – Départ – Arrivée. Christian Boltanski, 2015.	41
Figura 19 – “Assim me levanto”, da série Raízes de Sonia Gomes, 2018.	43
Figuras 20 e 21 – Iroko. Cátia Hahn, 2019. Exposição Coletiva Zona de Coexistência outros Diálogos, selecionada pelo edital de Ocupação, Sala Edi Balod, UNESCO, 2019.....	44
Figura 22 – O Pássaro Azul. Catia Hahn, 2019. Exposição Intensidades Sensíveis, Hall da Biblioteca Central Professor Eurico Back, UNESCO.....	47
Figura 23 – O Resgate. Catia Hahn, 2020. Exposição Virtual Do Outro Lado, selecionado pelo Edital Aldir Blanc Municipal.	48
Figura 24 – Uma floresta para os teus sonhos. Alberto Carneiro, 1970.	50
Figura 25 – L’única Luce, Anselm Kiefer.	51
Figura 26 – 7 mil Carvalhos. Joseph Beyus, 1982.	51
Figura 27 – O cavaleiro andante e Sancho Pança. Catia Hahn, 2020.....	54
Figura 28 – Peças em cerâmica da instalação “Quixotesco”. Catia Hahn, 2021. Exposição Ateliê de Afinidades, Sala Edi Balod – UNESCO.....	55
Figuras 29 e 30 – Lancelotti contra a banalidade do mal. Cátia Hahn, 2021.	56

Figura 31 – Projeto Colcha de Saudade, Cátia Hahn, 2021.	57
Figuras 32 e 33 – Desenhos do projeto para Onipresença	61
Figuras 34 e 35 – Partes do processo de produção	62
Figura 36 – Partes do processo de produção.....	63
Figura 37 – Partes do processo de produção.....	63
Figura 38 – Partes do processo de produção.....	64
Figuras 39 – Partes do processo do objeto-instalação	64
Figuras 40 – Alex na ponte	65
Figuras 41 e 42 – Partes do Processo, Pintura do jardim.....	66
Figura 43 – Onipresença. Catia Hahn, 2022. Exposição Coletiva Narrativas em Processo, Sala Edi Balod, UNESC.	67
Figura 44 – Interior da Obra	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	15
3 A ARTE, O ARTISTA E A CONTEMPORANEIDADE	18
3.1 A ARTE E A CONTEMPORANEIDADE	18
3.2 QUEM É O ARTISTA?	19
3.3 EU, ARTISTA, ETC.....	21
4 VIDA/MORTE, MEMÓRIA E ESPIRITUALIDADE NA ARTE	28
4.1 A EXPERIÊNCIA DE VIDA/MORTE/VIDA.....	28
4.2. ALÉM DAS AUSÊNCIAS	34
4.3 SÍMBOLOS PARA MEMÓRIAS PARTILHADAS	36
5 A ARTE DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DOS MORTOS	40
5.1 LEMBRANÇA, MEMÓRIA E RECORDAÇÃO	40
5.2 O TEMPO, A MEMÓRIA E A RELAÇÃO COM O SAGRADO	41
6. A ESPIRITUALIDADE NA ARTE E OS ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS	46
6.1 A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA ARTE.....	46
6.2 O CONCEITO AMPLIADO DE ARTE	49
6.3 A ESPIRITUALIDADE, A ARTE E SEUS DESDOBRAMENTOS	53
7 MINHA POÉTICA PESSOAL: ONIPRESENÇA	58
7.1 O PANORAMA – O CONCEITO	58
7.2 ONIPRESENÇA – EM PROCESSO.....	60
7.3 ONIPRESENÇA – EXPOSIÇÃO	66
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

Até o ano 2015, minha vida era dividida entre meu trabalho no teatro por meio da Cia Teatral Bocarela das Palavradas¹, a gestão do Ponto de Cultura Juventude Luzes do Amanhã² na Casa da Fraternidade, esposa e mãe de dois filhos, Karan com 25 anos e Renata com 21 a época, e de vez quando produzia alguns processos artísticos no campo da pintura e da escultura.

Precisei voltar a São Paulo depois de muitos anos, numa situação muito difícil, para iniciar meu processo de descoberta do meu lugar como artista e ser humano. Neste mesmo ano, 2015, durante cinco longos meses, fui literalmente retirada da minha zona de conforto, tive que abandonar meu trabalho, minha casa, meus filhos, e passei a viver no corredor de um hospital, acompanhando a estadia do meu esposo Alex³ em coma na UTI do setor de neurologia do Hospital das Clínicas. Neste período tive a nítida sensação de suspensão do tempo, a vida parou para que eu tivesse tempo de me questionar qual o sentido da vida? Qual o meu lugar neste tempo espaço? E se esse lugar fosse indeterminado? E se aquilo que eu sou dependesse desse lugar? O que eu seria?

Passado a experiência, ainda por muito tempo me vi num lugar estranho, descia e subia escadas, outras vezes andava por aquele corredor escuro e solitário... Não era sonho... Era meu inconsciente querendo me dizer alguma coisa... Que lugar era aquele? Um lugar não lugar que somente eu vivi... Precisei estar ali, pra ser quem eu sou hoje.

Canton (2009, p. 59), citando o livro *Não Lugares*, de Marc Augé comenta que “existe um constante deslizar entre lugares de identidade e os lugares de passagem” que o autor chama de “lugar” e “não lugar” por este último o espaço incapaz de dar forma a qualquer identidade. Lá outros lugares se recompõem, e relações de reconstituem nele. Um não-lugar é um lugar em que não se vive, no qual o indivíduo permanece anônimo e solitário. Assim os termos lugares e não lugares passam pela oposição do lugar ao espaço. Para Augé, “o lugar antropológico é a

¹ Grupo de teatro da cidade de Araranguá fundado pelo casal Alessandro Gomes e Cátia Hahn no ano de 2002, o grupo contou em sua formação também com os atores Jaqueline Kamphorst, Vinicius de Carvalho, Cris Eigh, Antônio Cazão, William Teixeira, Luciano Bragatto e Leandro Patrício.

² Projeto social fundado no ano de 2001 na Casa da Fraternidade no bairro Lagoão em Araranguá por Cátia Hahn, Alessandro Gomes e sua irmã Luciani Teixeira, que se tornou Ponto de Cultura.

³ Com o nome artístico Alessandro Gomes (14/05/1977 - 17/08/2015). Nascido em Joinville e residente de Araranguá desde a infância, ator desde 1997, pintor, escultor, educador e produtor no Ponto de Cultura Juventude Luzes do Amanhã. Foi casado com a artista Cátia Hahn a partir de 2003.

possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza” (AUGÉ, 2012, p. 75) No entanto, a percepção de um espaço como não-lugar é subjetiva: cada um de nós, a seu modo, pode ver um determinado lugar como um não-lugar ou como uma encruzilhada das relações humanas.

Passaram-se dois longos anos após um período de luto, e muitas reflexões me vinham a mente a respeito da vida, da morte, da espiritualidade, o sentido da vida, e o meu lugar neste tempo/ espaço. Me decido ingressar no Curso de Artes Visuais da UNESCO, e ao dar início aos meus processos me deparo com meu problema de pesquisa: Quais as relações entre a arte e vida, vida/morte e espiritualidade na arte contemporânea e seus desdobramentos?

Ao longo da história sabemos que a morte e as questões do sagrado bem como as vivências e experiências no campo da espiritualidade influenciaram artistas em seus processos e poéticas. É a partir desta hipótese que minha pesquisa tem como objetivo geral compreender as relações entre arte e vida, e seus desdobramentos, e para isso busca pensar as relações entre vida e morte, memória e espiritualidade, vida e arte; busca refletir sobre quem é o artista na contemporaneidade, o papel da arte e seus desdobramentos; bem como meu lugar como artista; vem discutir possíveis paralelos entre memória e espiritualidade, vida e arte, embasados por estudos e pensamentos teóricos e alguns artistas que me levaram a pensar a arte ao longo da minha trajetória, bem como busca refletir a influência das experiências e narrativas de memórias pessoais e coletivas, no meu trabalho artístico.

E afim de compreender como as reflexões existenciais influenciaram minha maneira de pensar a arte e a vida, fui levada pelas seguintes questões norteadoras: O que é a arte e o artista na contemporaneidade? Como o homem tem se relacionado com a vida e a morte, e com a crença na vida após a morte? Como o ser humano vem se relacionando com as questões do sagrado e da espiritualidade? Como a espiritualidade na arte vem sendo apresentada? Quais os desdobramentos da arte contemporânea na sociedade?

Ainda foi necessário trazer para a pesquisa como tem sido minha trajetória, meus processos, afim de compreender qual a poética do meu fazer artístico? Para isso foi necessário trazer para minha pesquisa abordagens sobre meus processos de criação em arte contemporânea, minhas memórias e vivências,

tendo como ponto de partida reflexões sobre o meu percurso e vivências pessoais, refletindo sobre as questões que me levaram a arte contemporânea, que revelam o universo dos meus processos artísticos, culminando com a minha produção final.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Poéticas da Recordação de Vida/Morte, Memória e Espiritualidade na Arte” está inscrito na Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, tem como base os fundamentos em arte contemporânea, suas tecnologias, o processo de criação, reflexão e as poéticas das artes visuais.

Minha pesquisa traz uma abordagem sobre a Vida/Morte, Memória e Espiritualidade na Arte, tendo como ponto de partida reflexões sobre o meu percurso e vivências pessoais, minha trajetória como artista ao longo da vida e passa, necessariamente, pelas narrativas de memórias pessoais e coletivas, por diversas experimentações, que revelam o universo dos meus processos artísticos.

Tendo como pergunta principal quais as relações entre a arte e vida, vida/morte e espiritualidade na arte contemporânea e seus desdobramentos?

Minha pesquisa tem como objetivo geral compreender as relações entre arte e vida e seus desdobramentos, e para isso busca pensar as relações entre vida e morte, memória e espiritualidade, vida e arte; busca refletir sobre quem é o artista na contemporaneidade, o papel da arte e seus desdobramentos; bem como meu lugar como artista; vem discutir possíveis paralelos entre memória e espiritualidade, vida e arte, embasados por estudos e pensamentos teóricos e alguns artistas que me levaram a pensar a arte ao longo da minha trajetória, bem como busca refletir a influência das experiências e narrativas de memórias pessoais e coletivas, no meu trabalho artístico.

E afim de compreender como as reflexões existenciais influenciaram minha maneira de pensar a arte e a vida, fui levada pelas seguintes questões norteadoras: O que é a arte e o artista na contemporaneidade? Como o homem tem se relacionado com a vida e a morte, e com a crença na vida após a morte? Como o ser humano vem se relacionando com as questões do sagrado e da espiritualidade? Como a espiritualidade na arte vem sendo apresentada? Quais os desdobramentos da arte contemporânea na sociedade?

Quanto à forma de abordagem, busco de forma cartográfica uma forma de explorar as inquietações, mergulhar nas paisagens e afetos, propondo outras linhas e modos de compreender as questões existenciais, assim dialogando com

meus processos artísticos ao longo da minha trajetória, ao mesmo tempo propondo sempre novos modos de agir, pois “acompanhar processos é a essência da proposta metodológica da cartografia” (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 57).

Para acompanhar este movimento processual na cartografia é necessário queo pesquisador habite um território existencial de aprendizagem, envolvendo-se e deixando-se envolver pelas situações e acontecimentos sem julgamentos, aprendendo com o mundo, com a experiência, com tudo que compõe a paisagem do território, que segundo Álvarez e Passos (2012, p. 148):

É neste sentido que a experiência da pesquisa ou a pesquisa como experiência faz coemergir sujeito e objeto de conhecimento, pesquisador e pesquisado. Como realidades que não estão totalmente determinadas previamente, mas que advém como componentes de uma paisagem ou território existencial.

A fim de compreender este território que habito, preciso primeiramente refletir sobre quem é o artista na contemporaneidade, o papel da arte e seus desdobramentos, para isso busco referências em Cauquelim (2005), Bausbaum (2013), Bourriaud (2003) e Rancière, (2012) e também trago contribuições de Rosza Zolads (2012).

Também pretendo discutir possíveis paralelos entre memória e espiritualidade, vida e arte, embasados pelo pensamento de Canton (2009), Benjamim (2004), Aleida Assmann (2011) e artistas como Duchamp, Rosana Paulino, José Rufino, Joseph Beuys, Christian Boltansky e Anselm Kiefer, que me levaram a pensar a arte ao longo da minha trajetória.

A princípio guiada de forma intuitiva, em meus processos e descobertas, fui buscando sempre fazer aproximações entre minhas experiências, arte e vida, e para compreender minha pesquisa no formato cartográfico recorreremos ao livro *Pistas e métodos da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia, que em sua apresentação diz:

Em vez de regras para ser aplicadas, propusemos a ideia de pistas. Apresentamos pistas para guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade do procedimento metodológicos (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2015, p. 13).

Ao fazer recortes da minha vida, vou costurando um diálogo comigo mesma e apresentando um pouco do meu percurso e alguns dos meus trabalhos artísticos, o que me leva a refletir sobre minhas percepções no campo da morte, da memória e da espiritualidade, tratando em determinado momento da trajetória da vida sobre os problemas existenciais, do destino e da própria evolução, mergulhando em minhas próprias experiências, minhas recordações, meus afetos. E assim como em *“Pista 1: A cartografia como método de pesquisa intervenção”*, minha pesquisa intervenção apresentou um mergulho na própria experiência:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras prontas, nem como objetivos previamente estabelecidos [...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência. (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17).

Dialogando de forma híbrida e até certo ponto rizomática, vamos ligando diversos campos do conhecimento, ao longo dos capítulos e sub-capítulos. Busco traçar paralelos entre o pensamento de Nietzsche (2008) a respeito da vida e da morte, do contexto histórico do homem diante da morte por Philippe Ariès (2012), sobre a vida após a morte em Leon Dennis (2011) e Francisco Candido Xavier (1959), passando pelas ciências ocultas e metafísicas que influenciaram os artistas ao longo do tempo, pela questão da memória e sua relação com o sagrado, até chegar no contexto de espiritualidade na arte contemporânea e seus artistas.

Como resultado de minhas memórias, espiritualidade e seus desdobramentos, finalizo com o processo da minha produção *“Onipresença”*. A cada etapa concluída no meu percurso de investigação, vou me aproximando e me descobrindo como artista, como disse Barros & Passos: “A cartografia como método de pesquisa é o traçado deste plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (BARROS; PASSOS, 2012, p. 18).

E assim ao mapear o território do qual habito, passei então a compreender o próprio movimento das minhas produções, suas conexões, possibilidades e potencialidades, e a pesquisa enquanto processo sempre em movimento, foi se revelando, transformando-nos e produzindo mundos.

3 A ARTE, O ARTISTA E A CONTEMPORANEIDADE

3.1 A ARTE E A CONTEMPORANEIDADE

Ao pesquisar a arte na contemporaneidade, vimos que a arte segundo Catherine Fleury (2011):

Sob o ponto de vista antropológico podemos caracterizar Arte como uma linguagem, uma estrutura, um sistema, um ato, um símbolo, um padrão de sentimentos (...). A arte como todas as formas de conhecimento, é entendida como fenômeno cultural que se apresenta na forma de ideias, comportamentos e objetos (FLEURY apud ZOLADS, 2011, p. 90).

E ao tentar definir “O que é Arte” somos levados a refletir quem é o artista e qual é a sua visão de mundo? O que leva o artista a produzir ou se apropriar de determinado objeto, dando-lhe determinada destinação ou conceito? A isso Marcel Duchamp (1887-1968) lança a pergunta: Quando é Arte? O ready-made, termo criado por Duchamp após se apropriar de materiais do seu cotidiano e trazer para suas obras, como a *Roda de Bicicleta* (1913) dá o pontapé inicial para a discussão.

Figura 1 – Roda de Bicicleta. Marcel Duchamp, 1913. 126 cm – ready-made.



Fonte: Catálogo da exposição Marcel Duchamp, parte 19 Bienal de São Paulo.

Segundo Duchamp (1975, p 74) “o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo

exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador”.

Estava lançada aí a participação ativa do espectador, que favoreceu o que hoje é a arte contemporânea.

A arte contemporânea também levanta a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos, como disse Rey (2002, p. 125) “após quatro séculos de representação, a arte passa a questionar fronteiras, deslocar limites, provocar situações, interagir com o espectador”.

Vivemos mais do que nunca na arte contemporânea o momento da alteridade, da reciprocidade, da comunicação, e esta experiência depende muito da posição do outro, de como estamos inseridos na sociedade, pois a sensibilidade estética não é igual para todos, o meu olhar não é o mesmo olhar do outro.

“É o poder que cada um tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de relacionar isso com a aventura intelectual singular que o torna semelhante a qualquer outro, à medida que essa aventura não se assemelha a nenhuma outra”. (RANCIÈRE, 2012, p. 20).

A arte contemporânea é a experiência, o processo, o conceito, é performance, participação e experiência de relação em todas as partes, a partilha do espectador, do outro, com o outro e para o outro.

A arte é propulsora do pensamento, da educação, não só ferramenta como dizem alguns, pois quando vivenciamos a arte, estamos lá vivendo esta experiência, nos apropriamos da experiência, por isso todos saímos do lugar comum. A arte não está a serviço de ninguém, mas não temos como negar o seu papel transformador, já que o próprio processo, os meios e desdobramentos que por ela perpassam contribuem para uma mudança de paradigma a respeito da vida, da sociedade e do mundo.

3.2 QUEM É O ARTISTA?

O artista é aquele que sai do seu lugar comum, que propõe um debate a partir da sua obra. Debate com quem? Primeiramente com ele mesmo, com suas inquietudes, seus medos, seus erros, suas derrotas, e vitórias, suas vivências e experiências. E esta experiência depende substancialmente da percepção dele

mesmo e da percepção deste outro que está a caminho, pois a experiência artística é também a experiência do outro.

O artista contemporâneo faz uma arte no nível da comunicação Cauquelin (2005), uma arte aberta a criações diversas, uma arte com maior interação com o público, uma arte desvinculada de quaisquer preconceitos ou dinâmicas preestabelecidas, que rompe paradigmas, propondo novas maneiras de pensar.

Na conquista de seu lugar, o artista contemporâneo habita todas as formas de arte, ele transforma, recorta, coleta imagens, posiciona, e como intruso passa a habitar novos campos, de forma interdisciplinar inventa trajetórias, manipula os signos que escolhe ou simplesmente se apropria de novos suportes, se utiliza das mídias sociais para apresentar suas obras, realiza atividades que promovem seu pensar, e está cada vez mais presente na vida social, participando do seu processo histórico, se colocando como sujeito político de seu tempo (BOURRIAUD, 2003)

O artista também é o sujeito que não se isola no seu próprio trabalho, mas se dedica a fomentar, a produzir, a agenciar, como propulsores da arte em seu tempo, enquanto artista etc, como cita Ricardo Bausbaum (2013):

[...] enquanto produtores do seu próprio trabalho, enquanto criadores mergulhados somente em seu próprio universo poético e que também gastam o seu tempo ou melhor, transformam o tempo de produção também em dedicação à fomentação, à produção, ao agenciamento de outros eventos, envolvendo outros artistas, outros criadores. (BAUSBAUM, 2013, p. 108).

No livro “Profissão Artista” de Rosza Zoladz (2011) ao refletir sobre o imaginário criado em torno do artista, a autora faz a pergunta Quem é o artista? E a mesma responde que “o artista é alguém que vive muito mais de expiração, daquilo que vem de dentro” (ZOLADZ, 2011, p. 38), ou seja ele trabalha muito mais com o que carrega em sua bagagem de vida, com suas experiências do que de inspiração, assim como a arte de Rosana Paulino (2015), que por meio dos seus elementos pessoais, traz um debate a respeito do seu mundo, suas inquietudes, suas memórias, histórias, e experiências de vida.

Arte pode ser, também uma ação, desde que cumpra a função de fazer pensar para transformar, como por exemplo a arte de Joseph Beuys, que passa realizar uma série de ações e intervenções, no início dos anos 60, com o grupo

Fluxus. O artista expandiu o campo da escultura ao incluir como “arte” práticas e intervenções que procuram agir em questões sociais e ambientais.

Pensar é esculpir. A revolução somos nós. Todo homem é um artista. Estas três famosas frases de Joseph Beuys, resumem bem o que era arte para este que é, sem dúvidas, um dos mais importantes artistas do século 20. Ele continua: deve instigar o pensamento, a transformação e a evolução não só do homem, mas da sociedade e do meio ambiente. (GERMANO, 2021).

Zolads (2011) confirma a questão da participação social do artista, que além de estar no mercado e com as formas de criação, também é primordial o debate sobre quem é o artista, é aquele “que percebe a arte como uma carreira com tudo o que ela comporta” (ZOLADZ, 2011, p. 17),

O artista não é mais somente aquele que se utiliza de signos, já que na maioria das vezes a palavra ou a escrita não dá conta de suas ideias para contar uma narrativa, e essa própria narrativa pode ser do aqui agora ou pode ser de algo muito além e aquém, que escape o tempo e o espaço. Ele faz uso da poética, de uma representação das ideias que percorrem seu fazer artístico.

O artista então é aquele ser, que utiliza da sua capacidade criativa, por meio de uma ou mais atividades, emocional, cognitiva, etc, e imbuído pela vontade de transformar o mundo em que vive, vem contribuir por meio da sua arte para alavancar a sociedade em ideais de liberdade, criatividade e responsabilidade social, despertando-a para uma mudança de consciência perante a vida, libertando-a do materialismo e da alienação, começando por ele mesmo.

3.3 EU, ARTISTA, ETC

Nascida em São Paulo em 1969, lá vivi toda a minha infância até a fase adulta num bairro pobre da zona leste. Me casei muito jovem e passei como muitas mulheres do meu tempo apenas a cuidar da casa e dos filhos. Até que em 1994 decidi vir morar com meus pais em Araranguá/SC. Dois anos depois passei a frequentar as palestras do Centro Espírita Casa da Fraternidade, onde no mesmo espaço aconteciam os ensaios de uma peça de teatro com alguns jovens da comunidade. Foi lá que conheci o Alex, meu futuro esposo, e acabei ingressando neste grupo que deu origem ao Projeto Juventude Luzes do Amanhã em 2001 e também a Cia Teatral Bocarela das Palavradas um ano depois. Passamos a viver

profissionalmente da Cia de Teatro e durante treze anos de nossas vidas estivemos envolvidos em seus processos artísticos, até o falecimento do Alex em 2015. Durante este período produzi, montei, e atuei em dezenas de peças de teatro, participando de diversos festivais e oficinas que nos renderam experiência e reconhecimento profissional como o espetáculo “O Enfermeiro” ganhador de vários prêmios da qual tivemos a grata satisfação de apresentar centenas de vezes.

Figura 2 – Cena do Espetáculo “Pluft, O Fantasminha”, encenado pela Cia Teatral Bocarela das Palavradas, 2008.



Fonte: Acervo da artista.

O contato com o teatro comunitário, e com o pensamento do teatrólogo Augusto Boal⁴, me apresentado pelo ator Alessandro Gomes, o Alex, em 1999, numa pequena sala do centro espírita, me fez despertar a vontade de intervir na comunidade. Boal, assim como Paulo Freire⁵, acreditava que as pessoas precisam antes de tudo perceber o mundo em que vivem; seu contexto; sua identidade e seu papel de forma crítica.

As nossas experiências no teatro, atraíram outros artistas no campo da música, dança, artes populares, dentre outras linguagens, e motivou a fundação do Projeto Social e Cultural Juventude Luzes do Amanhã que se tornou Ponto de

⁴Augusto Boal (1931-2009) foi um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Criador do Teatro do Oprimido. Fonte: <http://augustoboal.com.br/vida-e-obra/>

⁵Paulo Freire; Educador, filósofo, educador, pesquisador e escritor brasileiro. Autor de quase 40 livros, além de artigos acadêmicos e jornalísticos, entre eles o livro *Pedagogia do Oprimido*

Cultura em 2009. Lá passamos a realizar várias oficinas que tinham como propósito despertar as potencialidades de crianças, adolescentes e jovens do bairro Lagoão em Araranguá. Por lá passaram mais de oito mil alunos, muitos superaram seus fatores de risco no processo de socialização por meio da arte, muitos deles se tornaram artistas, professores, educadores. Lá eu também me formei como arte-educadora, produtora, gestora, e passei a ter um pouco mais de humanidade em minhas relações.

Figuras 3 e 4 – Imagens da Oficina e apresentação do Boi de Mamão em 2014



Fonte: Acervo da artista

Uma das oficinas que ministrei foi a de construção de um Boi de Mamão, no ano de 2014. O auto da morte e ressurreição do boi de mamão é uma das representações populares mais fortes e bonitas da cultura catarinense que tive o privilégio de conhecer e de me apaixonar quando viajavamos com o grupo Bocarela pelo litoral Catarinense. Foi com a ajuda do professor de teatro Alex e demais professores do Ponto de Cultura que conseguimos encenar duas apresentações do Boi de Mamão da Fraternidade, que levou muita alegria para a comunidade do bairro Lagoão, no entanto, fomos obrigados a abandonar o projeto devido ao problema de saúde do Alex. Após seu falecimento o boi também morreu, ficou esquecido no forro da antiga Casa da Fraternidade, e passados três anos ao retirar os personagens do forro descobrimos que estavam todos mofoados, alguns molhados, e o papelão quase se desmanchando. Somente em 2018 já como acadêmica do Curso de Artes Visuais na UNESC, que passo a integrar o Projeto de Extensão Boi de Mamão na Comunidade da UNESC⁶ coordenado pelas professoras Prof.^a Silemar Maria de

⁶ Projeto de extensão realizado desde o ano 2017 na UNESC sob a supervisão das professoras Amalhe Baesso Reddig e Silemar Maria de Medeiros da Silva.

Medeiros da Silva e a Prof.^a Amalhene Baesso Reddig, e com ajuda dos demais bolsistas durante dois anos tivemos a missão de literalmente ressuscitar o Boi de Mamão da Casa da Fraternidade. Por coincidência ou não no dia 17 de agosto de 2019, data exata de quatro anos após a morte do Alex, foi realizado um encontro de Bois de Mamão entre Pontos sugerido pelo Setor de Arte e Cultura da UNESCO, e vimos nosso boi dançar. Foi lindo ver o encantamento por parte de todos que participaram, foi lindo ver a esperança e alegria nos olhos de nossas crianças, ao ressuscitar o Boi de Mamão, e junto também trouxemos a memória do Alex de uma forma muito linda. Percebi aí que a morte pode ser ressignificada.

Figura 5 – Confecção de novos personagens do Boi de Mamão, Casa da Fraternidade. Projeto de Extensão Boi de Mamão na Comunidade. UNESCO, 2018.



Fonte: Acervo da artista

Figura 6 – Apresentação do Boi de Mamão, Casa da Fraternidade. Projeto de Extensão Boi de Mamão na Comunidade. UNESCO, 2018.



Fonte: Acervo da artista

Experiências como essa me levaram a ter contato com diversas realidades sociais, e me levaram ao lugar de pesquisadora, arte-educadora, produtora e gestora dos coletivos culturais, ultrapassando a posição de simples

atuadora ou produtora, como descreve Basbaum (2013) sobre o artista-etc, assim como ele, logo percebi que não era possível ficar isolada apenas no meu próprio trabalho.

Ao longo dos meus mais de vinte anos de trabalho com arte na comunidade, foram realizadas no Ponto de Cultura Juventude Luzes do Amanhã uma infinidade de oficinas e produções culturais, apresentações artísticas dos grupos e espetáculos, shows, gravações de cd, rodas de capoeira, sem contar as ações assistenciais, e, por meio disso, o reconhecimento nacional do Criança Esperança. Se por um lado cresceram as responsabilidades, também ampliaram os conhecimentos e os modos de fazer, os encontros, as Teias⁷, as trocas em rede, as experiências, que me abriram novas questões no campo da arte.

Embora sempre estivesse envolvida pela arte na minha vida, eu não percebia nenhum conceito estético, em minhas produções, eram painéis ou elementos para as cenas de teatro, composição de figurinos, mascaras, objetos de cena, estudos pictóricos, gravuras e paisagens a óleo sobre tela e esculturas que a meu ver, não tinham nenhum significado em arte contemporânea. Mas logo compreendi que quase tudo que eu produzi ao longo da vida estava carregado das minhas emoções e vivências.

Figura 7 – Escultura Mãe. Cátia Hahn, 2004.



Fonte: Acervo da artista

7 A Teia é o encontro das redes de Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva.

Somente após meu ingresso na universidade no Curso de Artes Visuais no ano de 2017, passei a pesquisar novos processos e poéticas artísticas, que me levaram a uma nova maneira de pensar e fazer arte.

A partir do contato com a obra de Rosana Paulino (2015), artista que tive a oportunidade de conhecer seus trabalhos na Pinacoteca de São Paulo em 2018, que parte de elementos pessoais, como a memória do patuá na casa de infância e os retratos de família (*Parede da Memória*), compreendi o quanto sua obra também está sempre carregada em si de uma carga intelectual, emocional, bem como a vivência daquele que a produz. O artista está o tempo todo lidando com suas inquietudes, e suas experiências de vida que vai influenciar sua arte.

Figura 8 – Parede da Memória. Rosana Paulino, 2015.



Fonte: Catálogo Pinacoteca SP / Rosana Paulino: a costura da memória

Acredito que influenciada a princípio pela questão do luto, minhas primeiras produções em artes visuais após este período, tentavam trazer à tona temas como morte, memória e espiritualidade carregadas de uma poética sobre minhas crenças a respeito da vida, da saudade, da partida, de como estamos conectados por fios invisíveis que influenciam nossa existência.

Em 2018 durante a disciplina Teoria e História da Arte I, com a professora Daniele Zacarão surgiu a produção “Capsulas do Além” (exposta na Intervenção Diversos de Nós na UNESCO). A produção vai questionar a existência de outro mundo além e a comunicação com os mortos. E no mesmo ano realizo o trabalho “Gramofone Visual” (exposição CURA na UNESCO), onde busquei trabalhar com o

universo da saudade, da dor da partida de um ente querido, com aquilo que gostaríamos que ficasse para sempre gravado em nossa memória. E após aprofundar uma pesquisa no Oriente, surge “Conversa de WhatsApp”, que trata da conexão além das coisas táteis, da certeza de um reencontro pós-morte.

A partir de 2019 acabo literalmente mergulhada no universo espiritualista e surge “O Homem Vitruviano” um hexágono cerâmico (exposto no mural na UNESCO) e “Mergulhados no Fluido Cósmico Universal”, que vem dialogar com o “Eu interior”, de onde viemos, quem somos? Para onde vamos? No mesmo ano vou produzir a escultura “O Pássaro Azul” (Exposição Intensidades Sensíveis), que me desperta ainda mais para a espiritualidade na arte, me levando a uma pesquisa sobre as árvores sagradas e a cultura loruba que culmina com meu trabalho “Iroko” (Exposição Zona de Coexistência, Outros Diálogos).

No ano de 2020 passo a fazer algumas experiências no Ateliê de Gravura UNESCO com a professora Angelica Neumaier, e realizo uma série de gravuras e monotipias que retratam os seres do “Do Outro Lado” (2020) e também várias monotipias, aquarelas, e pinturas, que trago a figura Dom Quixote, que vem me acompanhando há anos.

E refletindo sobre o papel da arte na sociedade questiono, quem seriam os Quixotes dos novos tempos, que tentam derrubar os dragões da indiferença, da miséria, da ignorância, surgem a instalação em argila “Quixotesco” (2021), e as pinturas “Lancelotti contra a banalidade do mal” (2021). Em 2021 também realizo uma oficina na comunidade por meio do meu estúdio, que vai culminar com a produção do objeto-instalação Colcha de Saudade (2021).

No início de 2022, entre outros trabalhos finalizo o meu trabalho de conclusão de curso com a obra “Onipresença” (2022) que traz como reflexão a espiritualidade, por meio das minhas memórias, relações e afetos ao longo do tempo. E assim a vida segue, como podem ver fui fisgada pela arte e pretendo contar um pouco mais desta trajetória, me aprofundando ao longo dos capítulos.

4 VIDA/MORTE, MEMÓRIA E ESPIRITUALIDADE NA ARTE

4.1 A EXPERIÊNCIA DE VIDA/MORTE/VIDA

Minha morte nasceu

*Minha morte nasceu quando eu nasci.
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...
E dançamos de roda ao luar amigo
Na pequenina rua em que vivi.
Já não tem mais aquele jeito antigo
De rir e que, ai de mim, também perdi!
Mas inda agora a estou sentindo aqui,
Grave e boa, a escutar o que lhe digo:
Tu que és a minha doce prometida,
Nem sei quando serão as nossas bodas,
Se hoje mesmo... ou no fim de longa vida...
E as horas lá se vão, loucas ou tristes...
Mas é tão bom, em meio às horas todas,
Pensar em ti... saber que tu existes!*

(Mário Quintana, 1940)

Em janeiro de 1889, ao ver um cocheiro chicoteando um cavalo, Nietzsche abraçou o pescoço do animal para protegê-lo e caiu no chão. Havia enlouquecido? O filósofo pré-existencialista, Nietzsche, abre um diálogo sobre algumas questões da vida, e também da morte, propondo um questionamento sobre os dogmas e as "verdades" estabelecidas pela religião (SILVA, 2012), este talvez seja o pensador que mais afirmou a vida em sua plenitude e suas potencialidades, propondo que o ser humano não deve negar a esta vida em nome de outra, mas que se deve viver plenamente na medida de todas as suas forças, vencendo a todas as adversidades em favor da superação pessoal.

Aceitar a morte "minha doce prometida" nas palavras de Mário Quintana, talvez seja necessário para o impulsionamento da vida, mas não daquela morte de foice e capa preta, resultado de uma figura medieval disseminada por séculos por meio da religião e da educação (ARIÈS, 2012), mas a morte como meta, e vida como superação. Tal como a ideia de super-homem, que Nietzsche propõe ao quebrar com os velhos paradigmas humanos, de uma humanidade absolvida pela fome de poder ou pelo sucesso, e nos leva a ir ao encontro de uma nova humanidade, que lança um sim à vida, à existência terrena, a experiência humana a partir da vivência (SILVA, 2012). Pois somente a experiência de uma vida nos leva a ressignificar a experiência da morte.

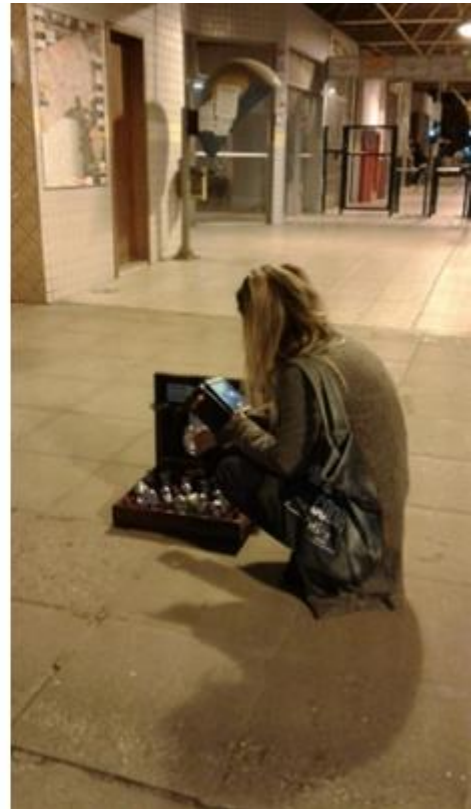
Conforme Nietzsche “a vida tornou-me leve, a mais leve, quando exigiu de mim o mais pesado.” (NIETZSCHE, 2008, p. 51). Pois a vivência de quem passa pela experiência da morte, é de tal modo algo intenso que altera a vida por completo, pois toda vivência é um devir, um vir a ser, que altera as condições de existência.

Ninguém passa pela experiência da morte e sai do mesmo jeito. Ninguém passa pela experiência de perder um ente querido e continua pensando da mesma maneira. Aliás tanto a experiência de vida quanto a experiência de morte, geram marcas profundas no íntimo de cada ser. Um dos problemas que mais atormentam o ser humano é a Morte e seu Destino.

Figuras 9 e 10 – Cápsulas do Além. Catia Hahn. Intervenção/Instalação, realizada na exposição Diversos de Nós, UNESC, 2018.



Fonte: Acervo da artista



Em “*Capsulas do Além (2018)*”, onde desenvolvo o tema ao utilizar a caixa do meu faqueiro e alguns saleiros, para uma intervenção em que o transeunte/espectador é convidado a retirar uma cápsula (saleiro) literalmente enterrada lembrando um mini funeral. Dentro de cada vidro uma mensagem com notícias do plano espiritual, contidos no livro “*Cartas de uma Morta*” (Francisco

Cândido Xavier, 1935), como que trazendo de volta seus afetos, desafiando o tempo e a morte. Durante a intervenção “Diversos de Nós”⁸ onde foi exposta o trabalho “*Cápsulas do Além*” percebi o quanto o tabu da morte ainda persiste em nossos dias.

A proposta inicialmente busca relações/conexões com o ready-made de Marcel Duchamp e propõe uma interação com o público. Sabemos que os ready-mades acenderam a ideia de que a “arte pode ser tão imaterial como uma pergunta, tão incorpórea como um pensamento” (SERRANO apud DUCHAMP, 2018, p. 34), e neste momento, eu tinha necessidade de lançar muitas perguntas.

A caixa depositada na passagem do Terminal de transporte urbano do bairro Pinheirinho em Criciúma-SC, foi vista por centenas de pessoas e algumas delas paravam e tinham a coragem de retirar suas cápsulas. Algumas saíam constrangidas, outras liam as mensagens emocionadas, outras revoltadas por tocar num assunto para elas ainda intocável. Me lembro que uma senhora chegou a excomungar a caixa como se fosse “coisa do demônio”.

Como poderia descrever a serenidade e a paz que se desfruta num ambiente feliz de erraticidade? Não há vocábulos ou arroubos de imaginação para fazê-lo com fidelidade. Foi aí que encontrei afetos acrisolados e reconheci as amizades que desafiam o tempo e a morte, nesses locais onde existem ainda os reflexos da vida planetária e onde o Espírito adquire novas forças para a luta interminável no progresso universal. (Xavier, 1935, p 41)

Acredito que influenciada a princípio pela questão do luto e pelas minhas experiências no campo da espiritualidade me permitiram repensar o significado da vida/morte e a sua representação ao longo dos anos. Foi assim que minhas produções tentavam trazer à tona temas como morte e espiritualidade carregadas de uma poética sobre minhas memórias e crenças a respeito da vida, da saudade, da partida, de como estamos conectados por fios invisíveis que influenciam nossa existência.

No Espiritismo, doutrina fundada por Allan Kardec⁹ no século XIX, esse talvez seja um dos pilares principais que sustentam a sua doutrina: a de que a morte não é o fim. Para os espíritas e espiritualistas, acredita-se que a vida vai mais além.

⁸ Proposta realizada em 2018, na cidade de Criciúma, coordenada pela Profa. Daniele Zacarão do Curso de Artes Visuais - UNESC

⁹ Allan Kardec. Codificador do Espiritismo, a partir da publicação de “O Livro dos Espíritos”, e demais obras. Fonte: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/o-que-e-o-espiritismo.pdf>

E se vai mais além, que mundo é esse? Que estranho mundo é esse que todos vamos encontrar? E será que as pessoas que estão neste mundo podem se comunicar? Se podemos (ou pudéssemos), o que os habitantes deste estranho mundo diriam? Como é esse mundo? E qual a relação entre os que ficam e os que vão?

Estudante da Doutrina Espírita, há pelo menos vinte e cinco anos, tive contato ainda jovem com as psicografias de Francisco Candido Xavier¹⁰ entre outros médiuns. Dentre os mais de 400 livros psicografados por Chico Xavier falando da sua relação com o mundo espiritual, me deparei com o livro *“Cartas de uma Morta”*, que traz várias mensagens daquela que foi sua mãe aqui na Terra. O livro traz uma descrição da chegada do espírito neste mundo que todos vamos encontrar.

A temática da vida no além não é novidade no mundo da arte, o tema tem sido abordado no cinema como em *“Amor Além da Vida”*¹¹, *“Ghost”*¹², *“Nosso Lar”*¹³ e também em novelas como *“A Viagem”*¹⁴, que tive oportunidade de assistir na primeira versão quando criança. Os relatos e narrativas ali encontrados sempre me fascinaram e me fizeram questionar se seria possível trazer para o mundo das artes visuais aquelas ideias espiritualistas, sem cair nos mesmos clichês da religiosidade, doutrinação ou misticismo.

A partir do meu trabalho em artes visuais, vou refletir sobre aquilo que quase todo mundo imagina ou sabe: um dia todos vamos morrer. Alguns acham que o túmulo é fim de tudo, do pó viemos e do pó voltaremos. No entanto Philippe Ariès (2000), em *História da morte no Ocidente*, em sua análise histórica e sociológica, comenta que o comportamento do homem ocidental, diante da morte, vem se modificando ao longo do tempo, e cada povo constrói no seu imaginário sua maneira de lidar com a morte.

¹⁰Conhecido por Chico Xavier, (1910-2002), desenvolveu diversos trabalhos de filantropia e foi um dos maiores médiuns brasileiros. Psicografou mais de 400 obras o que resultou em um acervo de diversos gêneros de literatura, fonte: <https://www.febnet.org.br/portal/>

¹¹ Romance espiritualista com título original *What Dreams May Come*, 1998, Estados Unidos, Universal Pictures, filme dirigido por Vincent Ward, com Robim Williams no elenco. Fonte: <https://cinema10.com.br/filme/amor-alem-da-vida>

¹²*Ghost - Do Outro Lado da Vida - É um filme norte americano de 1990, do gênero drama romântico-fantástico, dirigido por Jerry Zucker. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ghost_(filme)*

¹³ *Nosso Lar* é um filme brasileiro de 2010, escrito e dirigido por Wagner de Assis. Baseado no best seller de Chico Xavier. O filme conta a história de André Luiz, um médico bem-sucedido que, após sua morte, acorda no mundo espiritual. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nosso_Lar_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nosso_Lar_(filme))

¹⁴ *A Viagem* é uma telenovela brasileira, cujo tema principal é a vida após a morte, inspirada na filosofia de Allan Kardec, e livros de Chico Xavier, foi produzida pela Rede Tupi no ano 1975, escrita por Ivani Ribeiro. Em 1994 ganhou um remake na Rede Globo com direção de Wolf Maya. Fonte: <https://globoplay.globo.com/a-viagem>

Para Silva (2013, p. 125) assim como Sócrates, na antiguidade: “a arte de morrer, nada mais era do que aceitar a morte como separação da alma (a qual continua a existir) do corpo (o qual cessa de existir)”.

Benjamim (2004, p. 47) afirma que a morte saiu da esfera pública para a privada, “morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo e seu caráter era altamente exemplar”. Nos séculos XV e XVI, chegou-se a produzir gravuras conhecidas como “arsmoriendi” publicadas num “manual de boas práticas de morrer, no entanto a morte “tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer”. Segundo Ariès (2000), a morte era um acontecimento e os feitos do moribundo deviam ser recordados afim de imortalizar sua memória e garantir sua entrada no céu, como na figura abaixo:

Figura 11 – Mestre E.S. Arsmoriendi. Ca. 1450.



Fonte: ARIÈS, 2000, p. 49.

Acompanhando a história vamos ver que no período do Romantismo a Morte é o princípio romântico da Vida, dá-lhe a verdadeira significação. Segundo Serrano (2018, apud SILESIUS, 1991), neste período Novalis (1772-1801), um jovem escritor que se tornou num ícone do primeiro Romantismo alemão, assiste a morte física da sua amada, Sophie, e após a experiência de tal modo acentuada e dolorosa faz da sua vida uma encarnação destes princípios e idealismo, e como num

rito de passagem desperta para uma nova consciência, um novo modo de ser espiritual.

Em pleno século XIX o filósofo da Doutrina Espirita Leon Dennis no seu livro *Depois da Morte*, vai nos trazer para uma outra reflexão que tem nos acompanhado: o destino da alma após morte:

Um daqueles que você ama vai morrer. Debruçado sobre ele, o coração apertado, você vê estender-se, lentamente, sobre seus traços a sombra do Além. O fogo interior lança apenas pálidas e trêmulas luzes; e eis que se enfraquece ainda mais, depois se apaga. E agora, tudo o que, nesse ser, atestava a vida, esse olho que brilhava, essa boca que emitia sons, esses membros que se agitavam, tudo está velado, silencioso, inerte. Sobre esse leito fúnebre, há somente um cadáver! Que homem não se perguntou sobre a explicação desse mistério e, durante o velório, nesse colóquio solene com a morte, pôde não pensar no que o aguarda a si próprio? Este problema nos interessa a todos, pois todos nos submeteremos à lei. Importa-nos saber se, a essa hora, tudo está terminado, se a morte é apenas um melancólico repouso no aniquilamento ou, ao contrário, a entrada numa outra esfera de sensações. (DENNIS, LEON, 2011, p.12)

Segundo a Allan Kardec, a morte do corpo físico, ou desencarnação, é um fenômeno natural e inevitável, e a vida espiritual é, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito: “O corpo não passa de vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em libertar-se. [...]”. (KARDEC, ALLAN, 2020, p, 285)

Segundo os estudos espíritas, somos portadores de um corpo que ele chama de perispírito que nos acompanha no mundo espiritual, e é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual, é o veículo do pensamento, da memória, da sensibilidade, “o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos.” (KARDEC, 1864).

Quando Leonardo Da Vinci¹⁵ (1452-1519) representa *o Homem Vitruviano* como ideal de equilíbrio, beleza, harmonia e perfeição, em pleno século XV, ele vai buscar as proporções do corpo humano:

¹⁵ Foi um dos principais artistas do Renascimento, humanista, anatomista, engenheiro, matemático, pintor, escultor, músico, filósofo entre outras genialidades.

Figura 12 – O Homem Vitruviano. Leonardo da Vinci, 1490. / Figura 13 – O Homem Vitruviano. Cátia Hahn, 2019. Painel Cerâmico Colaborativo PLURAL, Instalado no Bloco Administrativo, UNESC.¹⁶



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano / Fonte: Acervo da artista

Mas a minha busca é por este “ser” que sente, que chora, que ri, que vive, que crê, que aprende, que morre, que questiona de onde viemos, para onde vamos? A morte é o fim desta vida ou o começo de outra?

No meu trabalho “Homem Vitruviano” um hexágono em argila, que foi produzido na disciplina de Escultura do Curso de Artes Visuais pretendo refletir sobre o que deixamos neste mundo ao fazer a grande viagem para o plano espiritual? Somos apenas um corpo perecível que deixamos no túmulo?

4.2. ALÉM DAS AUSÊNCIAS

Segundo Benjamin (1987, p. 210-211) em *O narrador* diz que “a memória é a mais épica de todas as faculdades”. Por isso me permito contar algumas histórias. Quando era criança, meu pai comprou uma máquina muito parecida com um gramofone, um aparelho inventado no século XIX por Thomaz Edson que reproduz som. Ficávamos todos em volta dele escutando os sons e maravilhados com aquela engenhoca. Naquela época, na minha cabeça de criança, eu ficava tentando imaginar como aquilo acontecia, imaginando que ser teria colocado aqueles sons que surgiam não se sabe de onde. E acredito que assim também na

¹⁶ Proposta iniciada em 2015, coordenada pela Prof.^a Ma. Odete Angelina Calderan, com intuito de valorizar a produção artística dos acadêmicos e comemorar o aniversário do Curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura, Instalado no Bloco Administrativo, UNESC.

busca de explicar os fenômenos que ele desconhece, o homem criou histórias de seres fantásticos, algumas se tornaram lendas, outras de tornaram mitos, e outras simplesmente nos aproximam.

Meu pai partiu para o plano espiritual, mas antes me deixou marcas profundas em relação a sua personalidade. Uma pessoa extremamente séria e que me ensinou a cultivar a espiritualidade narrando suas inúmeras experiências no campo da mediunidade nas sessões do Templo Espírita Maria de Nazaré, que ele participou quando jovem em Porto Alegre.

Assim, crescemos escutando histórias e presenciando inclusive fenômenos espíritas no seio da família e a crença em mundo após a morte acabou não sendo novidade para mim.

Figura 14 – Foto da família, eu no colo de minha mãe, meu pai e meus irmãos.



Fonte: Acervo da Família Hahn

Muito jovem passei a frequentar os Centros Espíritas em busca de respostas aos meus próprios anseios. Dos meus estudos no Centro Espírita, ao longo dos anos, acabei entrando em contato com outras narrativas de pessoas que também perderam seus entes queridos e percebi que a maioria delas conservam

uma saudade, uma espécie de nostalgia dos momentos de relacionamento com seus amados. É quando me pergunto: o que gostaríamos que ficasse para sempre gravado em nossa memória após a morte de um ente querido?

Figura 15 –Gramofone Visual. Cátia Hahn. Exposição CURA. Realizada no térreo do Bloco XXI-B, UNESC.



Fonte: Acervo da artista - Fotografia: Ana Colodel e Jonathan Scarabelot

Surge o meu trabalho “*Gramofone Visual*” em 2018, uma Intervenção-Instalação de uma escultura em papelão, tecido, vidro, celular e fone de ouvido, 60x60x35cm, 2018, que leva o espectador a se aproximar de imagens e sons que despertem recordações dos seus entes que já partiram, suas expressões, sua voz, seu jeito, coisas simples do cotidiano e somos levados a refletir como lidamos com o universo da saudade e da dor? O trabalho também busca refletir sobre os mecanismos de comunicação entre o plano físico e espiritual, lembrando uma corneta sonora utilizada nas sessões de ectoplasma do início do séc. XX descritas no *Livro Rumo as Estrelas de Dennis Bradley*.

4.3 SÍMBOLOS PARA MEMÓRIAS PARTILHADAS

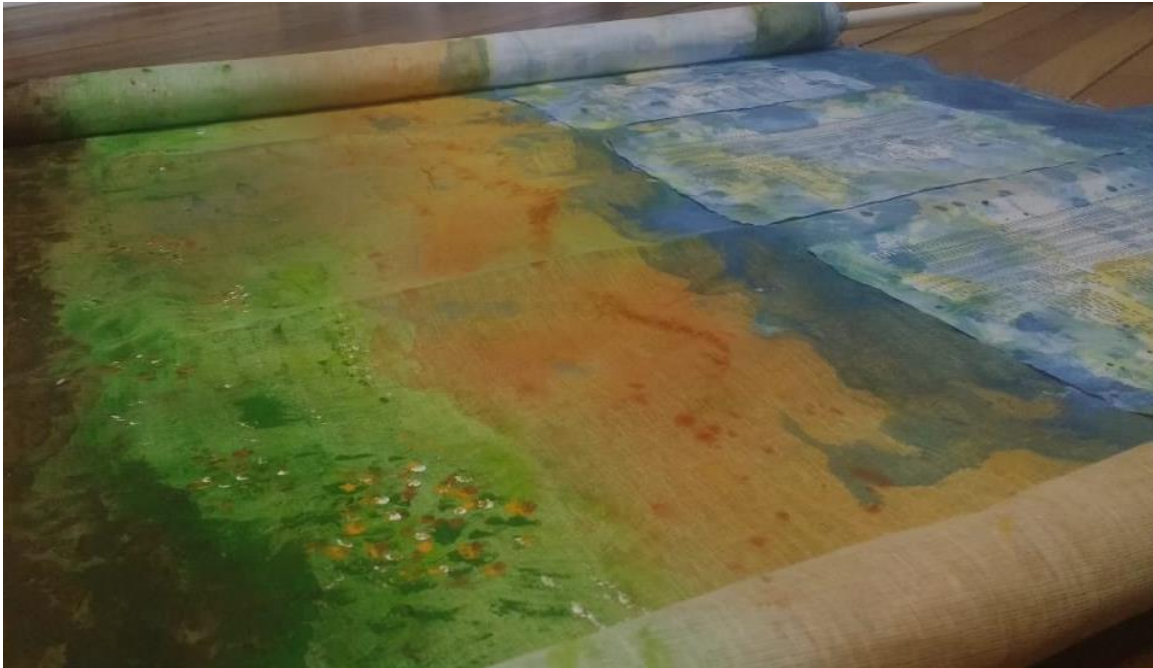
Em 2015, enquanto meu esposo estava hospitalizado nos comunicávamos pelo Whatsapp, até que ele entrou em coma profundo e eu

continuei escrevendo para ele. Mesmo depois do seu desencarne por um tempo eu ainda postava nossas músicas, filmes, coisas do nosso universo cotidiano, talvez como forma de manter viva aquelas memórias. Três anos depois, recebo a ligação no meio da madrugada de um amigo que desconhecia o fato, na qual ele teve um sonho com meu esposo Alex e ele o leva a um local muito peculiar para nós e pede a ele que me conte, ele acorda muito emocionado e no mesmo instante me envia a mensagem descrevendo a visão dizendo que jamais sentiu tamanha emoção. Foi naquele momento que passei a rever as nossas conversas no whatsapp e percebi, o quanto coisas simples adquirem uma importância muito grande em nossa história de vida, palavras que revelam nossa personalidade, a cumplicidade, as emoções, como nossas brincadeiras nos momentos mais críticos, as decepções, os momentos de dor, as declarações de amor, a certeza de um reencontro pós-morte, a citação de um “jardim” que em nossa imaginação nos encontrávamos todas as noites...palavras, símbolos, memórias...como disse o escritor Jorge Luis Borges *“afinal de contas, o que são palavras? Palavras são símbolos para memórias partilhadas”* (BORGES, 2000, p. 122).

Foi assim que em 2018 decido utilizar nossas conversas e memórias em um novo trabalho “Conversas de Whatsapp”, Início o processo utilizando três metros e meio de tecido linho muito fino, que realizo algumas colagens das conversas impressas e cubro com as pinturas do meu jardim dos sonhos. A obra se transforma em uma instalação, que após é fotografada para compor um múltiplo no Projeto Histórias a Parte¹⁷ da professora Daniele Zacarão.

¹⁷ Proposta da professora Daniele Zacarão no Curso de Artes Visuais para o projeto “Histórias a Parte” na exposição Apesar de Tudo no Centro Cultural Jorge Zanatta em Criciúma no final 2018. A obra também vai compor a exposição Novos Rumos no Projeto Arte na Cidade do SESC Araranguá.

Figura 16 – Conversas de WhatsApp. Catia Hahn, 2018.



Fonte: Acervo da artista

A produção *Conversas de Whatsapp* nasceu após um estudo sobre a História da Arte no Oriente. Vejo nas histórias que marcam a passagem daqueles povos antigos, suas crenças, sua forma de pensar o mundo, sua filosofia de vida, que eram expressas através da escrita em signos e também em imagens nos mais diversos suportes, desde murais, afrescos até chegar ao tecido e papel a motivação para o meu trabalho. Lembrando rolos de seda chinês que eram guardados em recipientes preciosos e somente eram desenrolados em momentos de grande tranquilidade, (GOMBRICH, 1979). Em “*Conversas de WhatsApp*” penso num mundo para além das coisas táteis e perceptíveis, num lugar onde nossas vivências estão guardadas para sempre.

Segundo Canton (2009b, p. 15) em *Tempo e memória*, “nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade”. Assim que o artista busca no seu mundo íntimo explorar o seu território por meio das vivências que demarcam o seu ambiente existencial na formação da sua identidade artística, e por isso é uma das questões mais importantes para pensarmos na arte contemporânea, o tempo como lugar de memória, e assim que a produção artística “é também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista

oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade de quem abre um diário”. (CANTON, 2009b, p. 22)

O artista José Rufino, em *Cartas de Areia*, valendo-se de meios variados (lápiz, nanquim, guache, têmpera, dentre outros), criou, sobre envelopes e cartas enviadas a seu avô, por várias décadas, por pessoas as mais distintas; um outro inventário de lembranças e símbolos, estabelecendo laços entre gerações distintas e tecendo elos entre tempos distantes. Por meio das minhas produções, também vi a possibilidade de “subverter o próprio passado e expurgar o indesejado através de uma nostalgia transformadora” (RUFINO, 2008).

Figura 17 – Cartas de Areia. José Rufino, 1991. Têmpera sobre envelope.



Fonte: <http://www.joserufino.com>

Foi a cada memória, cada recordação como num desenrolar de um diário, em uma espécie de cumplicidade comigo mesma que fui revelando minha individualidade.

5 A ARTE DA MEMÓRIA E A MEMÓRIA DOS MORTOS

5.1 LEMBRANÇA, MEMÓRIA E RECORDAÇÃO

Para Assmann (2011, p 37) em *Espaços da Recordação, formas e transformações da memória cultural*, “a memorarção dos mortos tem uma relação religiosa e outra mundana”. Seja pela piedade, ou seja, pelo sentimento que os vivos têm pelos seus mortos, como uma obrigação de perpetuar a memória ou como forma de autoeternização pela fama.

Embora a dor de perder alguém seja considerada por muitos a dor mais violenta que o ser humano pode sentir, e o luto tenha se tornado um tabu ao longo dos séculos foi este sentimento que levou o homem a cultivar a memória dos seus mortos, sendo a mais antiga e difundida forma de recordação social que une vivos e mortos, o culto aos mortos.

No mundo grego, a boa recepção no mundo dos mortos era buscada pela fama, cantada pelos poetas, como uma forma de garantir a imortalidade, “o poeta, como um funcionário da fama, inscreve os nomes dos heróis diretamente na memória da posteridade” (ASSMANN, 2011, p. 43). Também vamos ver ao longo dos séculos que além dos cuidados com os restos mortais fora necessário a imortalização do nome no “Livro da Vida” que na idade média passou a ser serviço oferecido por igrejas e mosteiros, rememorado nas missas de aniversários de morte, e diante de uma incerteza sobre a salvação, ainda foi criado o purgatório, um intervalo no tempo entre o sofrimento e o julgamento divino, que seria evitado a partir de um segundo elemento na celebração, a caridade para com os pobres (ASSMANN, 2011).

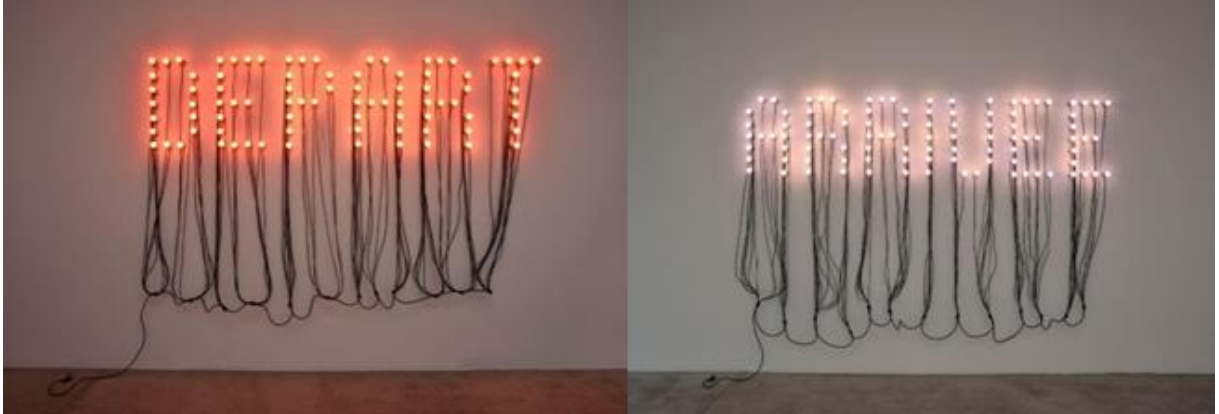
Silva (2013, p.125) afirma que “a memória é o lugar de encontro entre aquilo que está presente, próximo e aquilo que está ausente, é a matéria daquilo que somos formados, nossas experiências de vida”.

Observando as obras do artista francês Christian Boltanski, *Départ - Arrivée* (2015) e *La Traversée de lavie* (2015), que trabalha com temas como a passagem do tempo, a memória, a fragilidade do ser humano, perda e morte como principais conceitos, não podemos deixar de pensar porque a experiência comum de perder um familiar ou um ente querido cria uma lacuna em nossas vidas. Para o artista “é importante preservar tudo, manter um registro de todos os momentos de

nossa vida, de todos os objetos que carregamos, de tudo o que dissemos e o que foi dito ao nosso redor” (Boltanski, 2016).

Para o artista, “é importante preservar tudo, manter um registro de todos os momentos de nossa vida, de todos os objetos que carregamos, de tudo o que dissemos e o que foi dito ao nosso redor” (Boltanski, 2016).

Figura 18 – Départ–Arrivée. Christian Boltanski, 2015.



Fonte: Catálogo da exposição Institut Valencià d'Art Moderno, 2016

Uma das histórias que marcaram a minha infância, minha mãe costumava contar, principalmente em dias de chuva e noites escuras. “*Era uma história de uma menina que certo dia foi morta pela sua madrasta e foi enterrada ao pé de uma grande figueira, passados os anos os cabelos da menina começaram a crescer e seu pai ao tentar cortar aqueles capins com sua enxada em torno da árvore a escuta cantando uma música. A fim de trazer a filha de volta ele faz um trato com a alma da figueira*”. Ao recordar esta vivência ainda parece que vejo a cena dos meus irmãos reunidos ao pé da cama, minha mãe com um pente imitando uma gaita e cantando a música “*oh jardineiro do meu pai, não me corte meus cabelos...*” a imagem me remete a figura de meu irmão alegre e feliz com seu inseparável violão, uma nostalgia enorme invade o peito, o passado se torna presente e se confundem.

Meu irmão partiu muito cedo, e deixou muita saudade. Quando jovem ainda ele desenvolveu esquizofrenia, uma doença muito difícil de ser tratada na década de 80. E os remédios pesados o levaram aos poucos a esquecer quem verdadeiramente era, ele passou rápido da lucidez para a insanidade, até sua partida em 2012. Eu sempre tentei pensar nos momentos bons que tivemos afim de guardar aquilo que ele tinha de melhor, o gosto pela música, pelo desenho, a aproximação pela arte. Após sua morte minha mãe desenvolveu a doença do

Alzheimer. Interessante, isso. E as vezes, é engraçado ver que ela mal sabe quem somos ou quem é, esquece seu próprio nome. Sei que ela ainda está ali, presente, no jeito de olhar e sorrir, mas dói ver ela perder aos poucos os momentos felizes em sua memória, apesar que tem momentos que a misericórdia do “Lethe”¹⁸ vem ajudando a superar os reveses que a vida a destinou. Em curto espaço de tempo ela perdeu o filho, depois o genro que ela tanto gostava, depois o marido/meu pai, em seguida sua irmã, depois seu irmão, que não se lembra e não viu. As vezes me incomoda a sensação que a sua personalidade dia a dia se apaga em vida. Hoje vejo o Alzheimer como uma casa acesa, que aos poucos cada cômodo é apagado, até ficar na completa escuridão. Desde então procuro pensar na minha relação com ela e com aqueles que viveram comigo, e a partir dessas experiências percebo o quanto momentos como este foram importantes e influenciaram o meu jeito de viver, também minhas crenças e meu imaginário.

Será que existe algum lugar no tempo e no espaço onde estas recordações podem ser armazenadas?

Analisando as relações entre memória e subjetividade na obra do escritor iugoslavo sérvio Danilo Kis, Enciclopédia dos Mortos, Almeida (2017) narra:

Nele, uma mulher sonha ser levada a uma grande biblioteca, dividida em salas a partir das letras do alfabeto. Essa mulher havia perdido seu pai. A biblioteca contém unicamente a enciclopédia dos mortos. Ela se dirige para a sala da letra M e encontra o volume dedicado a seu pai. A enciclopédia reúne nomes de pessoas comuns, vidas comuns, não contadas ou narradas em grandes feitos e fatos. No volume encontrado estão detalhes como nascimento, casamento e outros (ALMEIDA, 2017).

O autor imagina um grande arquivo contendo aquilo que não pôde ser registrado em outros lugares, dimensões do vivido que não podem ser armazenadas, que se perdem na dimensão cronológica do tempo e da história, que segundo Assmann (2011, p 426), “O essencial de uma vida humana não é armazenado nem armazenável”, mas podemos ter recipientes de memória, que ela chama de “arca”, onde se guardam as recordações: uma espécie de arquivo, onde os registros possam ser novamente evocados, diversos lugares da memória, estejam eles nos espaços, no tempo ou na história.

¹⁸Léthē (Λthē) era um dos cinco rios do Hades (o mundo dos mortos), o rio do esquecimento, de cujas águas como espíritos, ou seja, os espíritos dos mortos, beber antes de reencarnar. Fonte: <https://milesmithrae.medium.com/lethe-o-rio-do-esquecimento>

5.2 O TEMPO, A MEMÓRIA E A RELAÇÃO COM O SAGRADO

No campo científico atual a memória pode ser considerada apenas como uma propriedade de conservar certas informações. Mas para Le Goff (1990), a memória no campo sociológico pode ser compreendida também como memória individual e memória coletiva. E, segundo o autor, é no campo da memória individual que cada ser humano constrói a sua vinculação com o sagrado, desde o nascimento quando se depara pelo estado devotado da mãe diante do bebê, ou por meio de ícones, objetos ou histórias que o cercam.

Na obra, *Ainda assim me levanto*, da artista Sônia Gomes, usa pedaços de troncos encontrados na beirada ou no fundo de rios do interior de Minas Gerais, seu estado de origem. A artista que explora em seus trabalhos o tempo, buscando a memória afetiva nas coisas, mistura galhos secos e um fascínio pelos nós, torceduras, onde nasceu sua arte genuinamente brasileira que esbarra em questões de identidade racial em um elo vital com a vida.

Figura 19 – “Assim me levanto”, da série Raízes de Sonia Gomes, 2018.



Fonte: Acervo pessoal em visita a exposição Masp, 2018

Em 2019, exploro um breve recorte do universo lorubá e suas tradições por meio do mito da árvore sagrada, e produzo a instalação “Iroko”, que participou da exposição Zona de Coexistência, Outros Diálogos, na Sala Edi Balod da UNESCO organizada pela professora Odete Calderan.

Figuras 20 e 21 – Iroko. Cátia Hahn, 2019¹⁹. Exposição Coletiva Zona de Coexistência outros Diálogos, selecionada pelo edital de Ocupação, Sala Edi Balod, UNESC, 2019.



Fonte: Acervo da artista

Conta o mito que certo dia o espírito do senhor dos destinos, chamado Iroko que representa o tempo e rege a ancestralidade na cultura lorubá, decidiu habitar a grande árvore Baobá, a árvore sagrada que materializa um dos Orixás mais antigos, por ser segundo o mito a primeira árvore plantada na terra, por onde desceram todos os Orixás, por este motivo Iroko é o líder de todos os espíritos das árvores sagradas, e o baobá tornou-se um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais. Segundo Costa (2012) os velhos baobás africanos, de troncos enormes, suscitam a impressão de serem testemunhas dos tempos imemoriais. Na sua cosmogonia, a árvore surge como o princípio da conexão entre o mundo sobrenatural e o mundo material. As árvores para os lorubas “estão associadas a ìgbá ì wàñû – o tempo quando a existência sobreveio – e numerosos mitos começam pela fórmula ‘numa época em que o homem adorava árvores’ (BAOBA, 2019). O baobá, que é ponte entre os mundos, é também árvore da memória e da ancestralidade, articulador entre passado e presente. Os griots contadores de histórias e guardiões da memória, quando morriam eram enterrados entre as suas raízes (COSTA, 2012).

No Brasil a tradição foi trazida pelos africanos que sincretizaram na árvore

¹⁹Proposta processual expositiva desenvolvida na disciplina Ateliê de Escultura (2019) ministrada pela Prof.ª Ma. Odete Angelina Calderan, Curso de Artes Visuais Bacharelado, UNESC.

gameleira branca o mito. Nos terreiros uma vez por ano se cultua Iroko e todos fazem seus pedidos amarrando tecidos em seus galhos, assinalada por um “ojá”. Foi assim que em meu processo de produção de Iroko, busquei representar a diversidade da cultura brasileira, a miscigenação, o sincretismo religioso, o entrelaçamento cultural. Para isso realizei a escultura de uma árvore utilizando galhos secos e espuma expansiva, coberta por gesso acrílico e tinta branca. Após, numa espécie de ritual íntimo busquei entrelaçar em seus galhos meus pedidos, amarrando tiras de tecidos que encontrei. Deixei a árvore na sala do ateliê e por força do acaso, ficamos sem energia elétrica, e um dos alunos do curso ao acender uma lanterna percebe a árvore toda iluminada, devido suas tiras serem de material Neon. Foi quando decidi construir a caixa branca em mdf, medindo 145x145x145cm, representando o “universo sagrado”, morada dos Deuses, e lá dentro depositar a Árvore da Vida. Complemento o trabalho fixando um olho mágico na caixa e um tapete, e como uma espécie de convite a oração, me aproprio dos versos da música *Oração ao Tempo de Caetano Veloso*:

És um senhor tão bonito
 Quanto a cara do meu filho
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Vou te fazer um pedido
 Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
 Tambor de todos os ritmos
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Entro num acordo contigo
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 (...)

Ainda assim acredito
 Ser possível reunirmo-nos
 Tempo, tempo, tempo, tempo
 Num outro nível de vínculo
 Tempo, tempo, tempo, tempo.

(Música de Caetano Veloso, *Oração ao Tempo*, 1979)

A cada verso da música de Caetano Veloso, numa verdadeira reverência ao Senhor dos Destinos, faço um convite ao despertar da espiritualidade, ao pensar o próprio tempo como fluxo contínuo, lei de causa e efeito.

Ao realizar este trabalho, passo a me relacionar e despertar para o sentimento de espiritualidade. Me aproximo ainda mais deste universo do sagrado, a ao expor minha produção na Sala Edi Balod, percebo o quanto o a espiritualidade tem influenciado minha vida e minha arte.

6 A ESPIRITUALIDADE NA ARTE E OS ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS

6.1 A DIMENSÃO ESPIRITUAL NA ARTE

Desde o século XIX, no Oriente, assim como a morte de outrora, e os mistérios teológicos, desde o tempo dos impressionistas, seus elementos representavam um manancial de descobertas para a arte. E a humanidade, herdeira do individualismo moderno, ocupava-se em produzir arte logo após a apresentação de um mundo sem Deus, apresentado por Nietzsche, ansiosa por descobrir a essência e o sentido da vida do homem.

Segundo Frois (2006) é neste período que a Europa desperta para as ciências ocultas e metafísicas da Teosofia de Helena Blavlatisky, da Antroposofia de Rudolf Steiner que vai influenciar os artistas do movimento abstrato entre eles Malevich, Kandinsky, Mondrian, e muitos outros como os surrealistas, que também queriam explorar o reino imaterial do inconsciente como Breton (1936, p.87) que anuncia em seu manifesto surrealista de 1936, “pelo Surrealismo pretendemos explicar nada menos do que a maneira pela qual é possível hoje fazer uso do maravilhoso e poderoso legado espiritual que nos foi transmitido”.

A peça de teatro “O Pássaro Azul”²⁰ escrita em 1908 pelo belga Maurice Maeterlinck, retrata este tempo. Transformada em um belíssimo filme de mesmo nome, na década de 1940, *que eu sempre via quando passava na Sessão da Tarde, da Rede Globo, trouxe Shirley Temple no papel de Mytyl, a garotinha que junto de seu irmão Tytyl passam a viver algumas aventuras ao se empenharem em capturar o conhecido “pássaro azul da felicidade”*. Considerada semelhante a um conto de fadas, a obra contraria os promissores desenlaces dos tradicionais contos, quando revela uma perda, sugerindo um movimento espiral na busca do ser humano: seu desejo de conhecimento, de liberdade, enfim, de felicidade.

No texto original de Maeterlinck, que tive o privilégio de conhecer também por meio da minha experiência no teatro vamos encontrar a cena que as crianças se olham e veem as sepulturas dos mortos, sentem medo, mas percebem a presença espiritual dos avós e falam um para o outro: *“Passarinho, passarinho, leva pro teu*

²⁰ O Pássaro Azul (L'OiseauBleu) é uma peça do dramaturgo belga Maurice Maeterlinck, escrita originalmente em francês em 1908, estreou em 30 de setembro desse mesmo ano no Constantin Stanislavski's Moscow Art Theatre.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_P%C3%A1ssaro_Azul

ninho um raminho de alecrim”. A cena toda espiritual me inspira a criação da peça *O Pássaro Azul*, em cerâmica esmaltada, medindo 15x17x10 cm durante a disciplina de ateliê de Escultura na UNESC com a prof^a. M. Odete Calderan, em 2019.

Figura 22 – O Pássaro Azul. Catia Hahn, 2019²¹. Exposição Intensidades Sensíveis, Hall da Biblioteca Central Professor Eurico Back, UNESC.



Fonte: Acervo da artista

Curiosamente, em meus estudos, lendo *No Espiritual na Arte*, descobri que Kandinsky também se apaixonou pelos escritos de Maeterlink que lhe serviram de inspiração.

As minhas leituras ao longo da vida, também me influenciaram, e em 2020, recordando o livro *Nosso Lar*, escrito por Chico Xavier, surge uma série de monotipias com os trabalhos “O Resgate”, “*Acompanhado*” e “*Nunca estamos sós*”, todos retratando os espíritos, seres do mundo espiritual, que nos acompanham e influenciam na jornada da vida. Os trabalhos vão fazer parte da exposição virtual *Do Outro Lado*, selecionada pelo Edital Aldir Blanc no município de Araranguá. A exposição traz um recorte de minhas produções ao lado das produções do artista

²¹ O trabalho foi resultado de uma proposta em argila branca pela Profa. Ma. Odete Calderan para a exposição *Intensidades Sensíveis* realizada no hall da Biblioteca da UNESC.

Alessandro Gomes (in memoriam), todas tratando do tema da morte e espiritualidade.

Figura 23 – O Resgate. Catia Hahn, 2020. Exposição Virtual Do Outro Lado, selecionado pelo Edital Aldir Blanc Municipal.



Fonte: Acervo da artista

Estes trabalhos surgiram após conhecer as técnicas de impressão contemporânea, no Ateliê de Gravura com a profa. Angelica Neumaier na UNESC, onde tive contato com o método das monotipias por sobreposição em vidro, que passo a experimentar.

Por se tratar de uma impressão única, esta técnica me atrai muito, pois a cada impressão a sensação de estar trazendo algo novo, com resultados completamente imprevisível, é diferente de tudo que eu já tinha pintado. Um dos artistas que passei a pesquisar neste período foi Carlos Vergara, que afirma que “na verdade, a pintura às vezes está feita, está na natureza e eu apenas a retiro do

lugar, como um sudário”²². É assim que por meio da monotopia também passei a expandir minha relação com a arte.

Ao longo do tempo, podemos verificar que a arte sempre aceitou a missão de apresentar o sagrado. Deu forma a animais e montanhas, a deuses e santos, a céus e infernos, e os artistas, nas culturas tradicionais religiosas, serviram as suas instituições, representando e interpretando as suas narrativas (SERRANO, 2018). A dimensão espiritual da arte, no contexto europeu, esteve, durante muitos séculos, quase exclusivamente ligada com a religião.

No entanto o que entendemos por espiritual não implica necessariamente estar associado a religião, mesmo que na maioria das vezes aquilo que se compreende por espiritual passe pelo sagrado. Segundo Serrano (2018), o próprio termo Espiritual é encontrado no latim como “spiritualitas”, a qualidade do que é imaterial, incorpóreo, conforme a autora diz:

Assim, a espiritualidade é uma dimensão que presenteia o indivíduo com a possibilidade de alcançar uma plenitude, de fazer-se corresponder com algo que o transcende, que lhe é mais alto. A espiritualidade devolve ao homem a sua natureza fideísta. Assim, o acreditar é essencial. (SERRANO, 2018, p 15)

6.2 O CONCEITO AMPLIADO DE ARTE

Conforme nos conta Serrano (2018), desde o início do século XX, estamos acompanhando um desejo de voltar a criar laços entre o sagrado e a arte, seja por meio dos mais diversos suportes, objetos e ideias após a mudança do regime da representatividade para o regime da sensibilidade, ou seja o regime estético da arte, vemos o surgimento de novos parâmetros para a questão da espiritualidade na arte contemporânea.

Para o artista Alberto Carneiro, que tem a Árvore como principal material em seus trabalhos, esta representa a energia essencial da vida e símbolo universal. A árvore, essa entidade majestática, foi adorada em todas as culturas desde os primórdios, é vista como hierofania, manifestação do sagrado, axismundi, representativa da vida (bios), do conhecimento (logos), do cosmos, a sua simbologia é das mais ricas e mais difundidas (SERRANO, 2018).

²² Carlos Vergara em entrevista em 16 de janeiro de 2002, concedida à Revista da Fundação Iberê Camargo, disponível em <<http://www.iberecamargo.org.br/content/revista>

Figura 24 – Uma floresta para os teus sonhos. Alberto Carneiro, 1970.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki>

Para o artista Alberto Carneiro, que tem a Árvore como principal material em seus trabalhos, esta representa a energia essencial da vida e símbolo universal. A árvore, essa entidade majestática, foi adorada em todas as culturas desde os primórdios, é vista como hierofania, manifestação do sagrado, axismundi, representativa da vida (bios), do conhecimento (logos), do cosmos, a sua simbologia é das mais ricas e mais difundidas (SERRANO, 2018).

Assim também o artista Anselm Kiefer (1945), nascido na Alemanha no final da segunda guerra mundial, e sua atração pela Cabala e o seu simbolismo oculto e espiritual, provoca o pensamento por detrás do misticismo (SERRANO, 2018).

Sua proposta é conhecida por ampliar as possibilidades do expressionismo abstrato em termos de espiritualidade humana vinculada à experiência estética. Por meio das suas obras faz alusão ao Judaísmo, habitam um espaço mítico de morte, renascimento, transcendência, e um sentido cíclico da história. Através das suas peças percorremos os modos como o mundo era visto, desde a Cabala à alquimia e outros tipos de misticismo, mas também da física que tenta descobrir os mecanismos do universo.

Figura 25 –L'única Luce, Anselm Kiefer.



Fonte: <http://www.abellarte.com/35---sol-invictus-di-anselm-kiefer.html>

E em 1982, o artista Joseph Beuys (1921-1986) plantou sete mil árvores em Kassel, marcadas por placas e pedras de basalto, com a participação do público. O objetivo era promover uma conscientização e mudança ambiental e social, além de mostrar o poder criativo e vontade humana. As colunas de basalto foram empilhadas no mesmo lugar onde as vítimas dos ataques aéreos ocorridos em Kassel eram empilhadas durante a Guerra. Ele queria que pensássemos a sociedade como uma grande escultura social, e em nós enquanto seres dotados de criatividade e poder para a modelar. (SERRANO, 2018)

Neste trabalho “7000 Carvalhos” Beuys expressa a sua visão do conceito ampliado de Arte conforme comenta Rosenthal (2002):

Aberta para ser aplicada em todas as direções que contribuam para a formação de uma sociedade formada por indivíduos autônomos e operantes na sua potencialidade de pensar e criar, todas as suas teorias buscaram construir uma base prática e teórica para alcançar este caminho: criando estímulos para a conscientização do potencial interno de cada indivíduo como um criador responsável pelo mundo em que deseja viver. (ROSENTHAL, 2002, p130.)

Figura 26 – 7 mil Carvalhos. Joseph Beuys, 1982.



Fonte: <https://www.artequaeacontece.com.br/confira-18-curiosidades-conceitos-e-obras-para-voce-entender-a-importancia-de-joseph-beuys/#> acessado em 03 jun.2022

Mas para Beuys, foi necessária a experiência da iminência da morte, da qual ele renasce enquanto ser humano e eleva-se como consciência, conforme ele conta em seu livro *Cada Homem um Artista*, e comentado por Rodrigues (2002 apud Stachelhaus,1990), a sua ligação à natureza “é uma espiritualização do futuro, como na antroposofia que subjaz à sua formação”, e parte da seguinte narrativa:

No Inverno de 1943, como telegrafista num bombardeiro de combate, teve um acidente. O avião depois de atingido pelos canhões antiaéreos de uma base russa, despenha-se na Crimeia durante uma tempestade de neve. Beuys é o único sobrevivente. Está gravemente ferido. Uma fratura craniana, costelas, pernas e braços partidos. Quando está à beira de morrer, um grupo de tártaros nômades, que transitavam por esse lugar acolhem-no. Cobrem-no primeiro de gordura e aconchegam-no depois com panos de flanela. E, num ambiente mágico, os "chamanes" da pequena tribo de nômades curam-no milagrosamente. Beuys vivencia essa presença "chamânica" como algo de exemplar e significativo para a sua vida e obra. [...] Daí a constante atitude de profundo respeito pela natureza e pela espiritualidade cósmica (RODRIGUES, 2002 apud STACHELHAUS,1990, p.2)

Para Dália Rosenthal (2002) as ideias do artista alemão, Beuys, provinham de muitas fontes: religiões européias e ocidentais, filosofia, ciências ocultas, mito e xamanismo. O artista era adepto dos pensamentos de Goethe (1749-

1832) e de Rudolf Steiner (1861-1925), que “concebiam a natureza como uma totalidade viva e orgânica” (ROSENTHAL, 2002, p.118), ambos os pensadores acreditavam nas ideias espiritualistas a respeito do ser humano em corpo, alma e espírito, e a respeito da reencarnação.

Entre os anos 1947 até 1954, Beuys realiza várias esculturas e desenhos de inspiração religiosa como “Cruz” (1950), revisitando por meio da iconografia do Cristo o seu próprio trauma. Cristo é o expoente do sofrimento e da cura, é aquele que passa pela morte, pelo sepultamento, e pela ressurreição – a verdadeira jornada. Para ele somos uma espécie de Cristo em potência, e a ressurreição, diz-nos, “pode ser realizada pelo próprio homem” (SERRANO, 2018, p. 138).

Essa ideia está muito próxima daquilo que eu conheci no espiritismo, de que como Espírito em constante evolução, somos seres que vamos desenvolver nossas potencialidades ao longo da existência. Para ele cada um de nós tem um potencial criativo, o qual, a obra de arte pode ser uma força de regeneração espiritual, e todos possuímos essa força necessária para impulsionar a mudança social.

Cada um é um artista, ou melhor, que cada um de nós tem um potencial criativo, apesar de estar quase sempre “escondido pela agressividade da competitividade e do sucesso” (BEUYS, 2011).

Conforme o artista Joseph Beuys e sua maneira de interpretar a espiritualidade, enquanto procura da sua jornada, é uma dimensão que não está implicitamente comprometida com a fé religiosa, nem por parte de nenhuma instituição organizada e hierarquizada, ditadora das suas próprias práticas. O sentimento de espiritualidade vem despertar a vontade de transformar um mundo num lugar melhor, começando por nós mesmos.

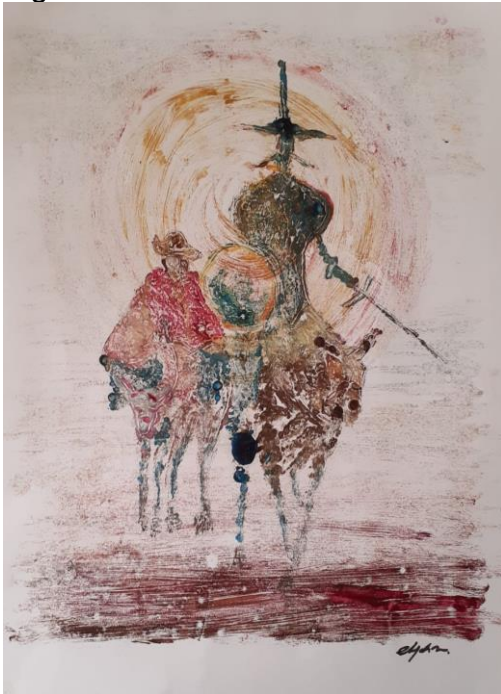
6.3 A ESPIRITUALIDADE, A ARTE E SEUS DESDOBRAMENTOS

O ano de 2020 e 2021 foram anos difíceis, vimos muitos dos nossos amigos serem levados pela Covid 19 para o plano espiritual e nunca a morte foi tão comentada nos noticiários, nas redes sociais, na via pública, inclusive muitos não tiveram nem um funeral e muito menos suas memórias foram respeitadas. Um ar de banalidade se espalhou de tal de forma, que lembra a fala de Hannah Arendt em *Eichmamm em Jerusalém* “o pior mal é aquele que vai se alastrando no

comportamento das pessoas, até se tornar banal, corriqueiro, comum”.A maldade parece instalada nas instituições, vemos todos os dias milhões de vidas sendo destruídas pelo vício das drogas, vemos milhões de crianças morrendo de fome, sem educação, a saúde comprometida, gente caída e dormindo na estrada, mulheres sendo espancadas e o que representa isso?O ser humano parece corrompido, o pessimismo tomando conta de tudo, e mesmo em pandemia, me questiono o que aprendemos com tudo isso? Será que no fim de tudo há sempre uma esperança?

Principalmente quando a morte nos avizinha, parece difícil manter a esperança, o sentido da vida apagado num momento sombrio, mas me recordo de um texto do espetáculo teatral *O Homem de la Mancha*, baseado na obra de Cervantes²³ que diz: “... o sofrimento, isso não importa, o que importa, é que eu siga meu caminho e cumpra minha missão”

Figura 27 –O cavaleiro andante e Sancho Pança.CatiaHahn,2020.



Fonte: Acervo da artista

Meus ensaios e reflexões em torno do personagem de Cervantes geram uma serie de monotipias retratando *O cavaleiro andante e Sancho Pança*, e também na tentativa de compreender o mundo que vivemos, vou produzir uma

²³Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), foi romancista, dramaturgo e poeta, criador da obra Dom Quixote de la Mancha.

coleção de peças em cerâmica inspirada no personagem, um busto os moinhos de vento e seus elementos, para a instalação em cerâmica “Quixotesco”, que fará parte da Exposição Ateliê de Afinidades proposta pela disciplina de Cerâmica.

Figura 28 – Peças em cerâmica da instalação “Quixotesco”. Catia Hahn, 2021. Exposição Ateliê de Afinidades, Sala Edi Balod – UNESC.



Fonte: Acervo da artista

O que vemos é que de tempos em tempos surgem lá ou cá um “cavalheiro andante com seu amigo escudeiro” que tentam derrubar os dragões da indiferença, da miséria, da ignorância, como “Quixotes” disfarçados de homens, que lutam por um mundo melhor, porque acreditam na força interior que existe dentro deles.

Na sequência em 2021, realizo a produção “Lancelotti contra a banalidade do mal” que remete a situações e figuras do nosso cotidiano. Um registro, um fragmento, de um tempo em que estamos vivendo.

Figuras 29 e 30 – Lancelotti contra a banalidade do mal. Cátia Hahn, 2021.



Fonte: Acervo da artista

Na produção *Lancelotti contra a banalidade do mal*, realizo uma pintura em acrílico sobre tela, medindo 120x163 cm, com colagem, barbante, verniz, uso de figuras e imagens que remetem a alegoria ou o simbolismo, e de elementos de memórias coletivas. Me aproprio de notícias e reportagens de fatos que constroem nosso passado e nosso presente, e vejo nosso sistema social como um grande moinho de vento que volta para nós, com a figura quixotesca do Padre Júlio Lancelotti, que vem lutando contra esses males que estamos vivenciando no Brasil e

no mundo, usando suas ferramentas contra toda essa violência, a marginalidade, a exploração pela fé, a guerra, a morte pela Covid e outros.

As minhas experiências têm me levado a perceber que a espiritualidade não está presente apenas nos fenômenos místicos, mas também está presente na própria vida. Hoje vejo espiritualidade na dança e no canto das crianças, na brincadeira da morte e ressurreição do Boi de Mamão, e até no encontro das mulheres do Projeto Colcha de Saudade que desenvolvi no meu estágio curricular obrigatório no Curso de Artes Visuais, no final de 2021.

Figura 31 – Projeto Colcha de Saudade, Cátia Hahn, 2021.



Fonte: Acervo da artista

Neste projeto, Colcha de Saudade, propus para as mulheres da cidade de Araranguá falar de suas próprias memórias a partir da poesia da escritora araranguaense Maria Leofrisio, que culminaram com a construção de uma colcha de retalhos, de forma coletiva. E aquelas memórias me remeteram as minhas próprias, que se entrelaçam formando um grande elo que une as etapas da vida.

7 MINHA POÉTICA PESSOAL: ONIPRESENÇA

7.1 O PANORAMA – O CONCEITO

A palavra “panorama” foi originalmente cunhada no século XVIII pelo pintor inglês Robert Barker para descrever suas pinturas panorâmicas de Edimburgo e Londres. Eram pinturas circulares, onde a imagem capturada se encontrava dentro de um cilindro, este método foi a moda artística no século XIX como nos Jardins de Monnete logo se tornou um meio de comunicação difundido ou massivo por meio da fotografia.

Na ontologia da palavra Panorama²⁴, do grego: visão do todo, quer dizer “onipresença”. Onipresença é a propriedade de estar presente em qualquer lugar e está relacionado ao fato de ter a visão de todos os lugares.

Do ponto de vista psicológico, no nível existencial também o nome de visão panorâmica se refere ao fenômeno pelo qual uma pessoa pode se lembrar de uma forma sequencial os momentos mais marcantes da sua vida ao atravessar a barreira entre a vida e a morte.

Segundo Francisco Candido Xavier, no livro *Evolução em Dois Mundos* (1993), psicografia do espírito André Luiz, nos conta que no momento da morte ocorre o fenômeno chamado de visão panorâmica, no qual o indivíduo passa a recordar de todas as experiências de sua vida numa sucessão de imagens.

Leon Dennis, também descreve em seu livro *Depois da Morte*:

[...] Tendo caído a vestimenta de carne, a luz penetra-o, sua alma surge nua, deixando nela ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos. Instante solene, exame cheio de angústia e frequente de desilusão. As lembranças despertam em massa; e a vida inteira desenrola-se, com seu cortejo de falhas, de fraquezas e misérias. Da infância até a morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz do dia, anima-se e revive. (DENNIS, 2011, p. 360).

Este fenômeno de recapitulação de todos os momentos da existência tem também tem sido registrado nos casos de Experiência Quase Morte – EQM, trazidas ao conhecimento geral graças as contribuições de destacados pesquisadores, dentre eles a dra. psiquiatra norte-americana Elizabeth Kubler-Ross, autora do livro *A*

²⁴ Panorama: do grego πᾶν "todos" + ὄραμα "visão".

Roda da Vida, Memórias do Viver e do Morrer, que acompanhou incontáveis pessoas em estado terminal vindo a registrar mais de vinte mil entrevistas com pessoas de diversas culturas e religiões. Segundo ela os relatos incluem envolventes sentimentos de paz, ouvir um ruído, ver um túnel, sentir estar fora do corpo, encontrar-se com seres não-físicos, um "ser de luz", realizar uma revisão da vida.

Essas notáveis descobertas levaram a escritora Ross a extraordinária conclusão científica: a de que a morte não existe - não de acordo com a definição tradicional. Como ela mesma descreve em seu livro ela teria de considerar que "o homem tinha alma e espírito, tinha uma razão mais elevada para a vida, para a poesia, algo mais do que a mera existência e a sobrevivência, algo que continuava" (KUBLER, 2017, p 198).

Lendo os relatos de Ross, me vem a lembrança exata que durante aqueles cinco meses que acompanhei meu esposo no hospital, logo nos primeiros meses, por duas vezes ele acordou do coma, e rapidamente voltou a dormir, em uma das vezes, por questão de um minuto ou dois, mas muito preciosos para mim, ele descreve ter estado em um jardim muito bonito, diz que me ama e que vai me esperar em um castelo, diz ver pessoas queridas e volta a adormecer. Passados sete anos após a o ocorrido, suas palavras ainda ecoam em meus ouvidos e guardam um significado muito especial para mim. Somente ao longo do tempo pude perceber o quanto essa experiência mudou completamente minha maneira de encarar a vida.

Assim como a pesquisadora Ross, que depois de ouvir milhares de pessoas descreverem a mesma jornada, eu também nestes vinte e cinco anos, como participante assídua do Centro Espírita já escutei uma infinidade de relatos de pessoas anônimas, que relatavam suas experiências espirituais. Assim como ela, também passei a compreender o que todos afirmaram. Todas vivenciaram a mesma epifania de pensamento: ver a luz ensinara-lhes que só há uma explicação para o significado da vida - o amor.

A pergunta que move meu trabalho de conclusão de curso neste momento é qual o sentido da vida? Porque vivemos num mundo ainda repleto de tantas dificuldades, de fragilidade, qual o sentido para tudo isso? O que nos motiva a viver?

Em sua teoria da logoterapia Viktor Frankl (NUNES, 2013), defendia que não existe um sentido genérico para a vida, pois que cada homem pode dar seu sentido conforme as diferentes situações vividas, no entanto cada um é responsável por seus atos, que determinam sua consciência de ser humano e soluções para seus problemas existenciais. Frankl acreditava na capacidade do ser humano de superar as mais difíceis adversidades, mas evidenciava que ele não vive sozinho, apontando o amor por si mesmo e pelo outro como fator principal para dar sentido a vida.

Nesta modernidade líquida, “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa”, segundo Larrosa (2002, p. 23).

Estamos muito conectados por meio dos equipamentos eletrônicos e muito pouco abertos para a afetividade na vida real. Neste mundo fragmentado pelo excesso de informações, estamos vivendo um momento onde a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos.

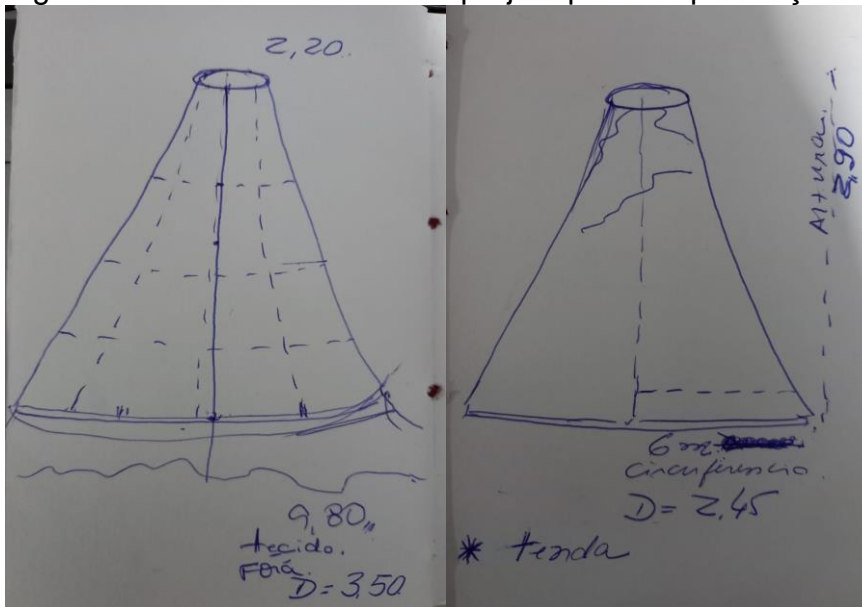
7.2 ONIPRESENÇA – EM PROCESSO

Se nos fosse dada a oportunidade de parar por um minuto e refletir sobre as questões da vida, como estamos vivendo? Como estamos nos relacionando com os seres que amamos? Se fosse possível contemplar nosso passado e refletir: Qual o sentido para a vida? Nossos sentimentos, nossos pensamentos, imagens guardadas no inconsciente, momentos felizes ou momentos difíceis? Se fosse possível participar de uma imersão que nos leve a sentir a presença divina dentro de nós mesmos?

Em meu trabalho, pretendo mais uma vez dialogar com a ideia de vida/morte, e experiência como modo de passagem (LARROSA, 2002), reflito na memória como meio de canalização, e como objeto de registro, opto pela estrutura em tecido, em formato de tubo e circular lembrando uma visão panorâmica do século XIX, como uma espécie de câmara ou passagem do tempo, nasce a instalação “Onipresença”

Proponho que o sujeito da experiência entre por um minuto no tubo de imersão e escute alguns sons (risos, cantos, choro, vozes) e se depare com várias imagens, que remetem minhas recordações, frases de uma poesia, e um jardim em formato panorâmico.

Figuras 32 e 33 – Desenhos do projeto para Onipresença



Fonte: Acervo da artista

O trabalho “Onipresença” trata-se de um tubo de imersão circular medindo 3 metros de altura, por 3,5 de diâmetro ao chão, que em formato de funil remete a perspectiva de tempo e espaço, feito em 56 metros de tecido Jersey voal, muito leve e branco lembrando a substância etérea e ectoplasmática citada nos estudos espiritualistas.

Figuras 34 e 35 – Partes do processo de produção



Fonte: Acervo da artista

Ao trabalhar mais uma vez com as memórias e vivências que tive ao longo da vida, dos meus afetos, dos seres que por mim passaram, e daqueles que desejo um dia reencontrar, dou início ao processo de escolha das imagens, das quais passo a fazer a impressão, por sublimação, no tecido que irá compor a estrutura do trabalho.

E ao recortar, colar e costurar, percebo que nem tudo sai a primeira vista como eu tinha imaginado, mas como nossa a própria vida, precisamos o tempo todo ir nos adaptando às circunstâncias.

E ao lembrar, percebo que a vida não é perfeita, é feita de momentos bons e muitos desafios. E como estes trazem a tona aquilo de mais frágil que somos, e que mesmo despedaçada, a vida, é preciso remendar e seguir adiante. Não poderíamos viver tudo isso por puro capricho de Deus. Deve ter uma causa muito nobre para tudo isso.

Figura 36 – Partes do processo de produção



Fonte: Acervo da artista

Vejo nas imagens das mãos, no toque, no relacionamento, no elo familiar meu ponto de partida. Lembro dos seres que aqui passaram essa experiência comigo e outros que não estão mais aqui, dos momentos marcantes, e também do quanto aprendi com todos eles.

Figura 37 – Partes do processo de produção



Fonte: Acervo da artista

Figura 38 – Partes do processo de produção



Fonte: Acervo da artista

Figuras 39 – Partes do processo do objeto-instalação



Fonte: Acervo da artista

As imagens no tecido me remetem a outros significados, a elos que entre elas me remetem a importância que cada momento tem para mim e porque estas imagens são marcantes na minha vida.

Uma das fotos mais marcantes no trabalho que passo a ressignificar é aquela do Alex na ponte. Antes da realização contemplava esta foto com um sentimento de despedida. Já que ela foi tirada pouco tempo antes dele partir. Mas agora, olho pra ela e um forte sentimento de reencontro me apossa. Como se ele estivesse de braços abertos nos aguardando no plano espiritual.

Figuras 40 – Alex na ponte



Fonte: Acervo da artista

Entre uma imagem e outra surgem escritas, frases de um poema que o Alex me deu quando na fase de namoro, entre as estrofes uma frase me chama muito atenção: “Era noite eu dormia/ Sonhei contigo meu bem/ Pedi a Deus que dormindo / Tu sonhasses comigo também”.

Renunciei a tristeza
Quando comecei a te amar,
Estes momentos felizes
Quero sempre recordar

Os dias eram vazios,
cheios de melancolia
Depois que te conheci
renasceram as alegrias
Beijando-me com ternura
Seguraste minhas mãos
Juraste com sinceridade
que era meu teu coração

Era noite eu dormia
Sonhei contigo, meu bem
Pedi a Deus que dormindo
Tu sonhasses comigo também

Raras vezes eu te vejo
No portão do meu jardim
Eu sorri de alegria
Vendo sorrisos para mim

Todo instante penso em ti
Relembro a nossa amizade

O nosso amor é um sonho
Cheio de felicidade

(Autor desconhecido)

Figuras 41 e 42 – Partes do Processo, Pintura do jardim



Fonte: Acervo da artista

É quando em sua homenagem decido pintar o jardim de margaridas com tinta acrílica formando toda a barra do tecido que compõe o objeto.

7.3 ONIPRESENÇA – EXPOSIÇÃO

“Onipresença”, culmina com meu processo de formação como processamento, de formação de significado. Como resultado de minhas memórias, espiritualidade e seus desdobramentos, finalizo com o processo da minha produção.

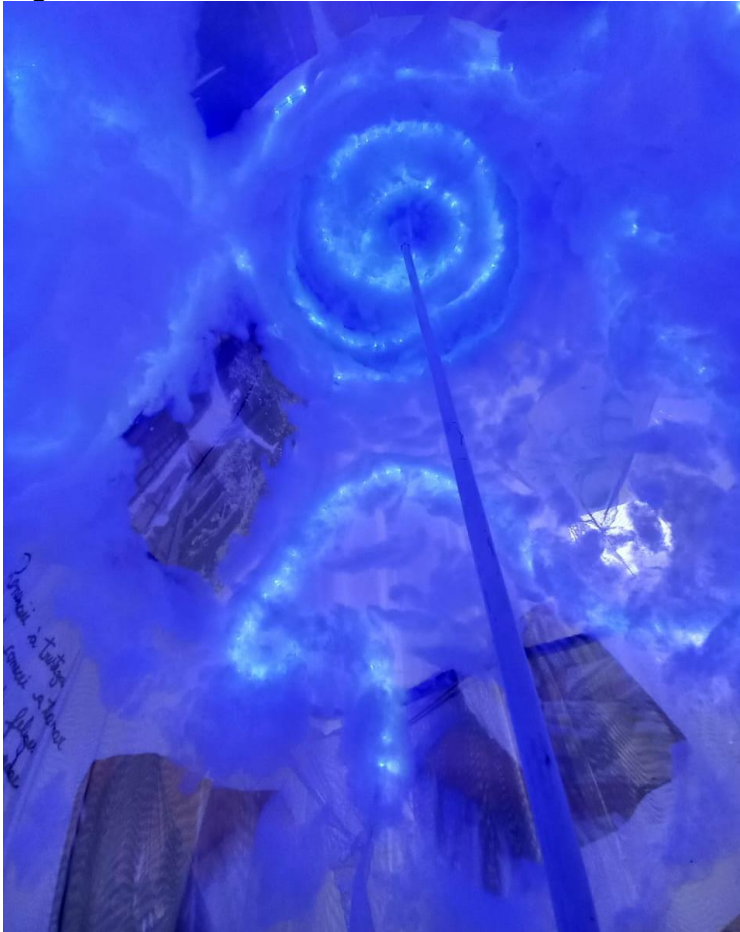
Figura 43 – Onipresença. Catia Hahn, 2022. Exposição Coletiva Narrativas em Processo, Sala Edi Balod, UNESCO.



Fonte: Acervo da artista

Ao montar o objeto-instalação, e percorrer sua estrutura penso na ausência, na força dos sons, do cheiro daquelas pessoas que passaram, rastros de presença. Penso no local de reencontro, para alguns a luz no fim do túnel, o céu, o paraíso, na presença divina em nossas vidas, em uma causa inteligente a interligar e conectar todas as coisas. Penso na cooperação constante com a natureza, com toda espécie de vida no planeta, pois existem leis e forças superiores que regem a ordem do universo.

Figura 44 – Interior da Obra



Fonte: Acervo da artista

Penso em tudo que vivi, e não teria como viver a vida da mesma forma. Hoje compreendo mais do que nunca que a morte não é um simples baixar de pano. Não nos tornamos seres espiritualizados simplesmente porque acreditamos numa vida fora da matéria, mas porque decidimos viver de acordo com os princípios espirituais que acreditamos. Fico pensando que a mudança de paradigma sobre a morte nos leva a dois pontos de vista, pois como disse Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1964) “o ponto de vista de quem acredita na vida espiritual e na imortalidade da alma altera completamente o modo como vivemos”. Ou vivemos a vida de forma individualista preocupados com as questões materiais e passageiras, absortos numa sociedade de consumo, ou vivemos a vida procurando usufruir o melhor dela, com vistas a ter mais paz e harmonia espiritual.

Não somos mais seres frágeis que se deixam abater por pequenas coisas. A vida passa a ter outro sentido, porque cada experiência deve valer a pena. Sabemos que um mundo melhor nos aguarda, mas depende de nos fazer este mundo que vivemos se tornar um mundo melhor.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “Onipresença”, é o resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso, permeada por minhas recordações, vivências ao longo da vida, meus afetos, seres que por mim passaram. Busco um diálogo com a ideia de vida/morte e experiência como modo de passagem. Como uma visão panorâmica do sec. XVIII, vamos refletir na passagem transitória da vida, na fluidez de cada momento. Onipresença é a propriedade de estar presente em qualquer lugar, e é também o fenômeno pelo qual uma pessoa pode se lembrar de uma forma sequencial os momentos mais marcantes da sua vida ao atravessar a barreira entre a vida e a morte. Penso na ausência, na força dos sons e imagens, rastros de presença. Penso no local de reencontro, para alguns a luz no fim do túnel, o céu, o paraíso, na presença divina em nossas vidas, em uma causa inteligente a interligar e conectar todas as coisas.

Em minha pesquisa Poéticas da Recordação de Vida/Morte, Memória Espiritualidade na arte, a partir da questão de quais as relações entre a arte e vida, vida/morte e espiritualidade na arte contemporânea e seus desdobramentos, percebo que foi no contato com experiências espirituais ao longo da vida, que se particularizaram por profundo mergulho interior, livres de todas as amarras e orientadas pela necessidade de encontro comigo e com a existência humana, e ao fazer recortes da minha vida, propondo um diálogo comigo mesma e minhas memórias, bem como do meu percurso da vida e da arte, tratando em determinado momento da trajetória da vida sobre os problemas existenciais, do destino e da própria evolução, que encontro as relações no campo da morte, da memória e da espiritualidade no meu próprio processo.

Ao refletir em quem é o artista na contemporaneidade e o papel da arte e seus desdobramentos, percebo que a arte, como propulsora do pensamento, vem contribuindo para as mudanças de paradigmas e o artista tem forte influência nesta concepção de mundo. E ao mesmo tempo, o artista com suas experiências de vida, suas inquietudes também influenciam a arte, tanto quanto a arte o processa.

Ao tratar em meus trabalhos sobre a temática da morte, vemos que a questão do tabu do luto e do culto aos mortos vem influenciando o modo como pensamos e nos relacionamos com a questão de vida/morte, que por sua vez influenciaram a espiritualidade na arte ao longo do tempo.

Assim que ao fazer conexão com diversos campos do conhecimento, como o contexto histórico do homem diante da morte, e refletir a questão da vida após a morte numa visão espírita e espiritualista, fomos percebendo que estas resultam nas questões do sagrado, que influenciaram a dimensão do espiritual na arte.

As questões existenciais como morte e vida, memória e espiritualidade também serviram de mote e inspiração para muitos artistas. No entanto na contemporaneidade é possível conhecer processos de artistas que discutiram ideias espiritualistas, sem cair nos mesmos clichês da religiosidade ou misticismo do passado. E nem todos os artistas contemporâneos guardam a mesma concepção sobre essas questões como morte e espiritualidade, mas todos têm em comum ideais de transformação da sociedade como liberdade individual, criatividade e responsabilidade perante o mundo.

Ao tratar do tempo como lugar de memória compreendemos que o artista busca no seu mundo íntimo explorar o seu território por meio das vivências que demarcam o seu ambiente existencial na formação da sua identidade artística. Assim como Rufino, Sonia Gomes, Kiefer e Boltanski exploram a questão das ausências e da memória, os artistas Carneiro e Beuys, tratam de espiritualidade num campo ampliado. Percebemos que cada um de nós tem um potencial criativo, o qual, a obra de arte pode ser uma força de regeneração espiritual, pois todos possuímos dentro a força necessária para impulsionar a mudança social.

E o artista contemporâneo tem contribuído muito, seja por meio de ações que trazem o passado no presente e o presente gerando futuro, assim a arte contemporânea vem atravessando essa vastidão invisível da interioridade vencendo a banalidade dos dias comuns, abrindo sempre a visão para novos horizontes.

E qual o meu lugar neste tempo/espço? Certamente é o lugar de demarcação entre a arte, memória e espiritualidade que acredito que estão interligadas, e que naturalmente essa concepção se desdobra em pensamentos e ações, que interferem no meu fazer artístico, no modo como vivemos em sociedade.

Precisei também me reconhecer como formadora de opinião no meio em que estou inserida. A cada trabalho realizado ao longo da minha trajetória ou a cada ação envolvendo a comunidade seja na Casa da Fraternidade, instituição que trabalho como voluntária há vinte e cinco anos num projeto social e cultural que

fundei, fui me descobrindo e os valores espirituais que carrego desembocam na arte assim como a arte desemboca em mim.

Muitos são os caminhos que nos levam a espiritualidade por meio da arte, acredito que a minha tomada de consciência espiritual na arte deu início após o período que passei acompanhando meu esposo em coma e se desdobrou nos últimos sete anos diante dos desafios que permearam meus processos artísticos e minha poética.

Com a minha produção “Onipresença”, que resulta do meu processo de formação percebo qual o sentido da vida. O sentido da vida é o amor, a relação de afetos que construímos, das memórias de nossas vivências, que certamente levaremos para a imortalidade.

Assim como a morte e as questões do sagrado, bem como as memórias e experiências no campo da espiritualidade influenciaram muitos artistas ao longo da história, em seus processos e poéticas, estas experiências também contribuíram fortemente na minha formação como ser humano e artista, e no desdobramento das minhas produções que guardam forte relação entre a vida e a arte.

REFERÊNCIAS

- 19ª BIENAL DE SÃO PAULO. Catálogo da exposição Marcel Duchamp, parte da 19ª Bienal de São Paulo - Utopia versus Realidade (1987) Idioma: português / inglês. Disponível em: <https://issuu.com/bienal/docs/name85b234/47>, acesso em 03/06/2022
- ALMEIDA, Bruno Vasconcelos de. Recordação e Apego à Vida: Da Memória Corporal à Memória das Sensações na Literatura e na Cultura Digital – COMUNICOLOGIA – **Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, UCB, v.10, n.2, p. 19-34, jul./dez. 2017
- ALVAREZ, J., & PASSOS, E. (2012). Cartografa é habitar um território existencial. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. Pistas do método da cartografia: **Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp.131 -149) Porto Alegre: Sulina
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe, Campinas/SP: Editora Unicamp, 2011
- AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade, Tradução Maria Lucia Pereira, Campinas/SP, Papirus Editora; - 9a. reimpressão edição, 2012 -
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. 17ª reimpressão, São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- ARIÈS, Philippe, **História da morte no Ocidente**, Editora Saraiva, 2000. E. book disponível em: <https://doku.pub/download/aries-philippe-historia-da-morte-no-ocidente-5lwowy754kqj>
- ARIÈS, Philippe, **O homem perante a morte**, Publicações Europa-América, 2000.
- BARROS, L.P., & KASTRUP, V. (2012). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L, **Pistas do Método da cartografia**: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. (pp. 52-75) Porto Alegre: Sulina
- BASBAUM, Ricardo. **Manual do Artista-etc**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013.
- BAUMAN, Z (2004) **Amor Líquido**, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008
- BENJAMIM, Walter (1936). O Contador de Histórias. In: Benjamim, Walter. **A Arte de Contar Histórias**. São Paulo: Hedra, 2018.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. vol. I. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURRIAUD, Nicolas. O que é um artista (hoje)? **Revista Arte & Ensaio**: Revista do PPG em Artes Visuais EBA - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10/2003, n., p.77-78, 01

jun. 2003. Disponível em: <https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/11/O-que-%C3%A9-um-artista-hoje-Nicolas-Bourriaud.pdf>. Acesso em: 01/11/2021.

BORGES, Jorge Luis, **Esse Ofício do Verso**, 2007, p.122-123

BOLTANSKI, Exposição, 2015, IVAM, Idioma: português / inglês. disponível em [Boltanski no IVAM: DÉPART - ARRIVÉE | Sobre Arquitetura e mais | Desde 1998 \(metalocus.es\)](http://Boltanski no IVAM: DÉPART - ARRIVÉE | Sobre Arquitetura e mais | Desde 1998 (metalocus.es) acesso 03/05/2022) acesso 03/05/2022

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Vol. I. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.

BRETON, André – **What is Surrealism?** London: Faber & Faber, 1936, p.87.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma introdução. Trad. Rejane Janowitz, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

CARNEIRO, Alberto in BURMESTER, Maria; BUEK, Paul – **Arte Vida/ Vida Arte – Art Life/Life Art**: Alberto Carneiro. Porto: Fundação Serralves, p.67.

DENIS, Léon, **Depois da Morte**: explicação da doutrina dos espíritos: solução científica e racional dos problemas da vida e da morte; Natureza e destino do ser humano; as vidas sucessivas, 8ª edição. Federação Espírita Brasileira, 2011.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCKOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1975. p.71-74.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ESCÓSSIA, L., & TEDESCO, S. (2012). O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 92-108). Porto Alegre: Sulina.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, FATOS E PERSONALIDADES: **110 anos de Nascimento de Chico Xavier**, Disponível em: <https://www.febnet.org.br/porta1/2020/04/02/fatos-e-personalidades>, acessado em 20/04/2022

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Carlos Vergara em entrevista em 16 de janeiro de 2002, concedida à Revista da Fundação Iberê Camargo. Disponível em <<http://www.iberecamargo.org.br/content/revista>

FRÓIS, Katja Plotz, **A Arte Geométrica na Modernidade**, Cadernos de Pesquisas Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2006

GERMANO, Beta. Confira 18 curiosidades, conceitos e obras para você entender a importância de Joseph Beuys. **Arte que acontece**. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/confira-18-curiosidades-conceitos-e-obras-para-voce-entender-a-importancia-de-joseph-beuys/> acesso em 10/11/2021

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1979

KARDEC, Allan, **O que é o Espiritismo** [tradução da Redação de Reformador em 1884] – 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013. Disponível em <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/o-que-e-o-espiritismo.pdf> acesso em 04/02/2021

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. Cap. XXIII, it. 8, p. 285.

LE GOFF, Jacques, 1924, **História e memória**, tradução Bernardo Leitão. [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Ebook in <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> acesso em 14/03/2022

MEIDA, Maria Inez Couto de. **Cultura Iorubá: costumes e tradições**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

MAETERLINK, Maurice. **O pássaro Azul**. Paris. Edição Lombard, 1962

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NUNES, Claudio, L. **A Experiência religiosa e o sentido da vida no pensamento de Victor Emil Frakl**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade Plesbiterianas Mackenzie de São Paulo, 2013 Disponível em <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25618> acessado em 08/06/2022

PAULINO, Rosana. **Parede da Memória**. Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/category/parede-da-memoria> em 30/09/2021.

PEÑALOZA, Rodrigo, Lethe, **O Rio do Esquecimento**, artigo publicado em jan. 2015, <https://milesmithrae.medium.com/lethe-o-rio-do-esquecimento> acesso em 30/05/2022

PINACOTECA DE SÃO PAULO. Catalogo Pinacoteca SP / Rosana Paulino: a costura da memória / curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma - São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: http://pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/2019/07/AF_ROSANAPAULINO_18.pdf. Acesso em 10/06/2022

QUINTANA, Mario, **A Rua dos Cataventos/ Minha Morte Nasceu**, 1940. Disponível em <https://blogdospoetas.com.br/poemas/a-rua-dos-cataventos-xix/> acesso em 05/05/2022

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

READY-MADE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível

em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca, TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. E-book.

RODRIGUES, Jacinto, Joseph Beuys: um filósofo na arte e na cidade, Universidade do Porto, Jan-2002, apud in Joseph Beuys -HeinerStachelhaus -Parsifal, Ediciones, Barcelona 1990), em: <http://hdl.handle.net/10400.19/642>. Acesso em 02/06/2022

ROSENTHAL, Dália. **O Elemento Material na obra de Joseph Beuys**, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2002.

ROSS, Elisabete Kluber, **A Roda da Vida, Memórias do Viver e do Morrer**, Editora Sextante, 2017

RUFINO, José. **Desenhos ao Lèthe** 2008. Disponível em

http://www.joserufino.com/portu/depo2.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoimento=59 Acesso em: 06/11/2021.

SERRANO, Carolina Mafalda Silva, **A dimensão espiritual da escultura através da obra de XIX artistas**- Tese de mestrado, Escultura, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2018 - Disponível em:

<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33652> acessado em 01/03/2022.

SILVA, André Parisi da. **A questão do humano em Nietzsche**: entre o homem moral e o super-homem. Recife, 2012. 108 folhas Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10655> acessado 04/09/2019

SILVA, Priscilla Stuart. Educação Estética: **Corpo, Experiência e Memória em Walter Benjamin**. 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Educação, Florianópolis, 2013.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122960/321964.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 06/12/2021.

SILESIUS, Angelus – **A rosa é sem porquê**. Trad. e Pref. De José Augusto Mourão. Veja, 1991, p. 33

SOUZA, Severino Ramos Lima; FRANCISCO, Ana Lúcia. **O Método da Cartografia em Pesquisa Qualitativa**: Estabelecendo Princípios...Desenhando Caminhos. 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/31335007-O-metodo-da-cartografia-em->

pesquisa-qualitativa-estabelecendo-principios-desenhando-caminhos.html. Acesso em: 01.11.2021

XAVIER, Francisco Candido. **Cartas de uma Morta**. Rio de Janeiro. Editora Lake, São Paulo -1935 – Ebook disponível em <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/cartasdeumamorta.pdf>

XAVIER, Francisco Candido & VIEIRA, Waldo. **Evolução Em Dois Mundos**. 1959 - Coleção "A Vida no Mundo Espiritual". Editora Federação Espirita Brasileira, Ebook disponível em http://www.espiritoimortal.com.br/espirito_imortal/evolucao-em-dois-mundos.pdf

YATES, Frances. **A Arte da Memória**. Tradução Flávia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZOLADS, Rosza W. Vel, **Profissão Artista**, org. e autora – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011

Autorretrato. CatiaHahn, 2020



Fonte: Acervo da artista, 2020.

Nome Artístico: CatiaHahn

Contato:

Telefone: (48) 9 9692-8497

E-mail: catiahahn@hotmail.com

Instagram: [@hahnsatelier](#) | [@catiahahn](#)

Facebook: [@catiasghahn](#)